

Universidade Federal da Paraíba
Campus II
Centro de Humanidades
Departamento de História e Geografia
Curso: História

Relatório da
Prática de Ensino,
apresentado no final do Semestre 96.2, por Edvane
de Araújo Silva e orientado pela professora
Eronides Câmara Donato

Campina Grande - PB
Janeiro - 1997



Biblioteca Setorial do CDSA. Abril de 2024.

Sumé - PB

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter sido fonte inspiradora durante este caminho.

Aos meus pais, por ter uma participação decisiva em tudo que conquistei.

A Eronides minha orientadora, que foi alguém muito importante nesta minha conquista.

A Sebastião, ao pessoal da Escola Ademar Veloso da Silveira, e a todos que direta ou indiretamente vibram com esta conquista. Neste momento me encho de alegria, pois sem dúvida foi uma vitória e, com certeza não seria possível concretizá-la sem a participação de vocês.

ÍNDICE

Introdução.....	01
Capítulo I - O planejamento.....	02
Capítulo II - Estágio Supervisionado: um enigma que se decifra.....	09
1.1 - Prática de ensino: uma experiência que precisamos registrar.....	11
Capítulo III - A Avaliação.....	15
Considerações Finais.....	18
Bibliografia.....	19
Anexos	

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

Este relatório apresenta as atividades desenvolvidas na Escola Estadual de 1º e 2º graus Ademar Veloso da Silveira, localizada no bairro de Bodocongó, durante o período 96.2, supervisionado pela professora Eronides Câmara Donato. Neste relatório apresentamos as seguintes temáticas: o planejamento, a síntese do estágio supervisionado, a avaliação e o posicionamento referente ao estágio.

Partiremos de uma análise concreta, tentaremos fazer um relato que leve a várias reflexões e ao mesmo tempo, fazer com que esta fonte sirva como auxílio para aqueles que por ventura queiram utilizá-la como instrumento de contribuição para sua metodologia ou mesmo para reflexão, análise e crítica.

CAPÍTULO I

O Planejamento

“Atitude feita de compreensão, de amor, mas sobretudo de respeito. Atitude de espera de paciência, atitude de mão delicada que não ousa abrir um botão de flor, nem incomodar o bebê no correr de suas primeiras experiências, nem o escolar no correr de seus trabalhos.”

(Cousinet)

O PLANEJAMENTO

“Entende-se por planejamento um processo de previsão de necessidades e nacionalização do emprego dos meios materiais e dos recursos humanos disponíveis, a fim de alcançar objetivos concretos, em prazos determinados em etapas definidas, a partir do conhecimento e avaliação científica da situação original.”¹

O planejamento é muito importante e necessário porque permite ao professor organizar as atividades que serão desenvolvidas em sala de aula e assegurar a eficiência de um bom desenvolvimento das aulas. Permite definirmos os resultados que queremos alcançar, em que espaço de tempo, com que recursos materiais iremos trabalhar, procedimentos e técnicas. Assim, a partir de idéias sobre para que ensinar, o que ensinar, como avaliar, colocamos em prática cotidiana o que foi programado visando atender as expectativas dos alunos.

Sabemos que o planejamento nos dar a oportunidade de organizarmos e selecionarmos conteúdos significativos e coerentes para os alunos. O planejamento deve sempre acompanhar o professor, pois exige dele um estudo maior, um contato mais profundo com os conteúdos a serem ministrados. O professor que planeja suas aulas está sempre se renovando, modernizando-se, e auto-avaliando-se e terá sempre a oportunidade de está refletindo e contribuindo com a produção do conhecimento. Turra et ali (1988) afirma que;

“O professor dispõe, nos dias que correm, de uma significativa margem de flexibilidade para montar o programa que irá desenvolver com seus alunos. O professor tem liberdade para selecionar os conteúdos...”²

¹ MARTINEZ, Maria Josefina e LAHORE, Carlos. Planejamento Escolar. 2ª ed. São Paulo: Saraiva, 1981.

² TURRA, Clódia Maria Godoy et ali. Planejamento de Ensino e Avaliação.

Como se pode notar, nessa descrição dado à questão dos conteúdos, salienta-se a importância da tarefa que deve ser realizada pelo professor. Teoricamente, o professor define os objetivos do seu trabalho, seleciona e organiza os conteúdos; define as estratégias de ação e os instrumentos que emprega para avaliar o desenvolvimento de ensino dos alunos. Afinal:

“A sala de aula é um ‘quartel-general para a aprendizagem’, e quanto mais entrarem nela a experiência da vida da criança tanto melhor para a aprendizagem e compreensão de mundo”.³

O planejamento é importante na educação porque garante ao professor um progresso significativo, abrindo-lhe novos rumos e perspectivas quanto ao método e conteúdo. Torna o ensino mais eficaz e construtivo suprimindo as “necessidades” do aluno e as exigências do seu meio, pois um bom planejamento evidencia a prática docente e auxilia na compreensão dos estudantes, além disso, promove a continuidade da experiência necessária seguindo o ritmo de aprendizagem de cada aluno.

O planejamento é algo de fundamental importância, com ele é possível superar a improvisação e a rotina, na medida que facilita a aprendizagem e adequar os conteúdos às necessidades e possibilidades do aluno e às exigências da sociedade. O planejamento é dividido em fases que possibilitam aos professores efetivar com propriedade seu trabalho, pois:

“Num planejamento de ensino os processos são múltiplos e para cada etapa existem várias alternativas. Estas devem ser selecionadas de tal forma que cada uma constitua pré-requisitos para a etapa seguinte”.

(Cappelletti)

³ PILETTI, Claudino. Didática Geral.

Por ser o planejamento algo de fundamental importância, devemos seguir todas as suas fases, afinal como afirma Turra et alii (1988):

*“O planejamento requer que se pense no futuro. É composto de várias etapas interdependentes, as quais, através de seu conjunto, possibilitam à pessoa ou grupo de pessoas atingir os objetivos”*⁴

No planejamento de ensino, a determinação dos objetivos é, talvez, o processo mais importante de quantos estão implicados na educação. Sem ele o mestre não pode saber o que deve ensinar, nem pode dia-a-dia, ou ao final de um período julgar seu processo no ensino ou do estudante na aprendizagem. Sua formulação é fundamental e prévia em qualquer atividade. O importante é refletir qual o significado dos objetivos que estão sendo planejados e o que significa para a vida do aluno e do professor, e articular nossa concepção de educação com as atividades que se pretende trabalhar. Decidir os objetivos significa decidir a aprendizagem resultante do ensino. Para tal devemos nos perguntar como tornar importante cada tarefa, cada proposta para o aluno e ter em mente que o conhecimento não é pronto e acabado, mas algo em movimento. Em torno da formulação dos objetivos gira todo o trabalho do professor. A seleção dos conteúdos, dos procedimentos e dos recursos decorrerá da definição dos objetivos. Possivelmente não poderá ser avaliado o que os alunos aprenderam se não se fixar o que se pretendia que eles aprendessem como diz Turra:

“Os professores que elaboram objetivos revelam, em geral, maior sensibilidade no ensino. Isto ocorre porque vão mais além do que cumprir meramente um programa”.⁵

⁴ TURRA,, Clódia Maria Godoy et alii. Planejamento de Ensino e Avaliação.

⁵ Ibid

Na escola tradicional, o conteúdo do ensino era objeto de programas, era praticamente um fim em si mesmo. O planejamento de ensino consistia em adequar todo conteúdo e o tempo disponível para seu desenvolvimento. Atualmente

“A seleção e organização de conteúdo não é tarefa rápida ou fácil. Exige muito conhecimento do assunto e do grupo de aluno, além do embasamento seguro em termos da estrutura da disciplina”⁶

Sabemos que é importante que o professor saiba organizar bem os conteúdos a serem trabalhados, ou seja ele deve sistematizar os conteúdos, respeitar o nível de desenvolvimento dos alunos, levando em conta seu conhecimento, suas necessidades e interesses. Além disso, o professor pode também dar exemplo prático, ligado ao dia-a-dia, fazer questionamento; expor sua opinião; buscar a opinião dos alunos; tirar dúvidas e trabalhar partindo de fatos, experiências e dados concretos, levando assim, a experiência e a vivência do aluno para a escola.

A vida social do aluno não é algo diferente, nem distante do meio escolar, ambos estão interligados e se, trabalhados de acordo com a experiência dos alunos, contribuirá não só para elevação do nível cultural, como também do desenvolvimento do pensamento. Um professor precisa estar atento ao estado atual do conhecimento do aluno para ser capaz de prever o que o aluno pode ou não ser capaz de aprender. Presseisen e Dámico (1975) escrevem que ***“não há nenhuma aprendizagem social verdadeira a não ser que o aluno consiga integrar as experiências da sala de aula à sua própria realidade social.”⁷***

Para planejarmos nossas aulas, de início selecionamos os conteúdos que deveríamos trabalhar, utilizamos livros didáticos que enfatizavam o marxismo como corrente historiográfica, pois ver o homem como um ser histórico que se constrói através de sua relação com o mundo

⁶ TURRA, Clódia Maria Godoy, et alli. Planejamento de Ensino e Avaliação.

⁷ PRESSEISEN e DÁMICO. In: TURRA, Clódia Maria Godoy. et alli, op. cit p. 126.

natural e social, onde, o processo de trabalho é o privilegiado nessa relação homem/mundo.

A escolha adequada dos métodos e técnicas didáticas é uma etapa importante do planejamento de ensino uma vez que os procedimentos didáticos.

“São ações, processos ou comportamentos planejados pelo professor, para colocar o aluno em contato direto com fatos, que o possibilitem modificar sua conduta, em função dos objetivos previstos”⁸

Orientar a aprendizagem dos alunos para que eles refaçam seus esquemas de comportamento, e revertam em crescimento pessoal é o desafio para o professor, que vê a aprendizagem como influência vital e construtiva. Para isso o professor quando está preparando seu planejamento tem que ter clara sua concepção de educação, pois através dela é possível realizarmos um trabalho melhor e de acordo com nossas possibilidades. As abordagens bem aplicadas podem trazer aspectos positivos. Citaremos algumas características das abordagens de ensino que foram discutidas por nossa turma em sala de aula.

A abordagem tradicional é caracterizada pela concepção de educação como um produto, já que os modelos a serem alcançados estão pré-estabelecidos, daí a ausência de ênfase no processo. Trata-se pois de transmissão de idéias relacionadas logicamente. Nesta concepção, o professor é o transmissor dos conteúdos aos alunos, ele utiliza-se de aulas centradas em si (expositivas) e exercício de fixação (leituras-cópias). O aluno deve ser “passivo” e dominar o conteúdo cultural o universal transmitido pelo professor. Contrapondo-se a essa educação bancária de nossas escolas, baseada na dicotomia educador-educando, a abordagem humanista.

Trata da educação do homem e não apenas da pessoa em situação escolar, numa instituição de ensino. O ensino é centrado no aluno e a educação tem como finalidade a criação de condições que facilita sua

⁸ PRESSEISEN e DÁMICO. In: TURRA, Clódia Maria Godoy. et alii, op. cit p. 126.

aprendizagem cujo objetivo básico é liberar sua capacidade de auto-aprendizagem de forma que seja possível seu desenvolvimento intelectual e emocional. Na Abordagem Cognitivista o processo educacional consoante a teoria de desenvolvimento e conhecimento, tem um papel importante ao provocar situações que seja desequilibradoras para o aluno, desequilíbrios esses adequados ao nível de desenvolvimento em que se encontram, de forma que seja possível a construção progressiva das noções e operações, ao mesmo tempo em que a criança vive intensamente cada etapa do seu desenvolvimento, ou seja, existe uma preocupação de desenvolver a aprendizagem da criança de maneira significativa e concreta. Aqui se destaca a origem do seu pensamento onde, possibilita-se a construção de uma aprendizagem pela própria criança. Ela constrói e vence os obstáculos; pensa; questiona; compara; se desequilibra e por fim, consegue ficar em equilíbrio consigo e com o meio que a cerca.

O objetivo da educação, a partir dessa concepção consistirá na aprendizagem do aluno por si próprio, onde este deve conquistar as verdades, mesmo que tenha de realizar os tateios pressupostos por qualquer atividade. As atividades são centradas no aluno, valoriza-se trabalhos em grupos; jogos, criatividade e experiência. Ao professor-orientador, cabe a tarefa de facilitar a aprendizagem.

Na abordagem sócio-cultural a visão de liberdade tem nesta pedagogia uma posição de relevo, é a matriz que atribui sentido a uma prática educativa que só pode alcançar efetividade na medida em que há uma participação popular livre e crítica do educando. Este é um dos princípios essenciais do círculo da cultura, unidade que substitui a escola autoritária por estrutura e tradição. Busca-se no círculo da cultura reunir um coordenador e dezenas de homens do povo no trabalho comum pela conquista da linguagem. A alfabetização e a conscientização é vista como um princípio essencial que jamais se separam. O que importa é que o homem reconheça a si próprio como criador da cultura, como um ser inserido na história não como expectador, mas como figurante.

Sabemos que toda abordagem apresenta vantagem e desvantagens, portanto consideramos que não é possível seguir uma única teoria. Podemos utilizar algumas com mais frequência do que outras, porque não é possível e tão simples seguir unicamente uma só teoria. Seria incoerência, afirmar que poderíamos utilizar exclusivamente a abordagem sócio-cultural, pois no Brasil temos uma educação imposta pelos “dono do poder”. Como esta é uma abordagem que visa tornar o homem um ser consciente, crítico e questionador, não criam condições que favoreçam sua utilização.

“Como sabemos, a verdadeira avaliação do processo ensino aprendizagem, consiste na auto avaliação ou na avaliação mútua e permanente”...⁹

Na avaliação dificilmente encontramos um professor que não se preocupe com este tema. Ela está diretamente ligada ao ensino-aprendizagem e, se tornando mais diversificada, ou seja, não está sendo feita somente centrada em uma prova. Hoje já se faz avaliação contínua; avalia-se o interesse do aluno, suas condições psicológicas, sociais e culturais. No terceiro capítulo aprofundamentos sobre a questão da avaliação.

De posse dos passos do planejamento e, sabendo os conteúdos que iríamos trabalhar na Escola Estadual de 1º e 2º Graus Ademar Veloso da Silveira, passamos a elaborar nosso planejamento de ensino, de unidade (ver anexo I) e de aulas (ver anexo II) das séries que iríamos trabalhar, 5ª série E 1º ano A.

No próximo capítulo, falaremos um pouco sobre as nossas experiências na Prática de Ensino durante o semestre 96.2

⁹ MIZUKAMI, Maria da Graça Nicolletti. Ensino: as abordagens do processo.

CAPÍTULO II

Estágio Supervisionado:

“Um Enigma que se Decifra”.

*“Democracia? É dar a todos
o mesmo ponto de partida.
Quanto ao ponto de chegada,
isso depende de cada um.”*

Mário Quintana

ESTÁGIO SUPERVISIONADO: “UM ENIGMA QUE SE DECIFRA”.

Não tivemos a oportunidade de realizar as observações da prática de ensino dos professores em sala de aula (5ª série E e 1º Ano A), pois nosso estágio foi iniciado imediatamente em virtude do ano letivo da Escola do Campo do Estágio está próximo do final. Portanto, não tivemos a oportunidade de ter um contato inicial com a turma, nem com a regente de ensino, ou seja, o ideal seria termos um contato com as turmas antes de ministrar as aulas, aproveitando o período de observações para conhecê-la; para observar a relação professor e aluno em sala; a metodologia; a escolha dos conteúdos; os recursos didáticos utilizados e as dificuldades encontradas por professores e alunos.

Consideramos a observação necessária, pois a partir do momento em que entramos em sala de aula, mesmo que para observar, começamos a ver a prática de um professor e também perceber como os alunos se comportam; se gostam da disciplina; se participam das aulas; quais os alunos que estão mais e os menos interessados e o porquê do seu desinteresse. Além disso, acreditamos que ter um conhecimento prévio dos alunos é de suma importância, mas este pode ocorrer da seguinte maneira: ao invés de nós estagiários ficarmos apenas “observando e anotando”, agindo como um “espião”, é interessante que passemos a ajudar o professor. A partir do momento que deixamos de ser o “espião” e passamos a mediador, participamos da aula como um auxiliar; ajudando o professor em alguma atividade, tais como: entregar texto (se houver); ajudar na confecção e apresentação dos recursos didáticos, na explicação do exercício; expor alguma informação que considerarmos importante para o melhor desempenho da aula e outras atividades solicitadas pelo regente. Desta forma, podemos buscar modelos e práticas diferentes; além disso, a mediação favorece a integração entre estagiária e professor, aluno e estagiário, de forma mais descontraída facilitando nosso futuro andamento na sala de aula.

A observação não deve funcionar, portanto como uma “espionagem” onde os estagiários ficam sentados no final da sala, fazendo anotações, mas sim, como um processo que nos conduz a um aprendizado com o titular e um conhecimento prévio da turma. A tradicional observação provoca uma certa antipatia e constrangimento, pois grande parte dos professores observados acha que está sendo “vigiado” por pessoas que se consideram “superiores” a eles e que estão ali com o intuito de criticá-los de maneira negativa, principalmente se o observado seguir o método de ensino tradicional.

Quando observamos a prática de alguém, nos comportando como um espião, sentimos um certo constrangimento, pois percebemos que o professor não fica à vontade nem tampouco nós.

Em aulas observadas em semestres anteriores, 95.2 por exemplo¹⁰, a professora observada passou grande parte do tempo explicando o porque de agir daquela forma, puramente tradicional, alegou falta de recursos didáticos, de interesse e participação dos alunos e outros. Acreditamos que tal procedimento não ajuda os alunos a compreenderem e despertarem para o assunto que estava sendo estudado, uma vez que foram utilizados conceitos sem significados para os alunos, como também inúmeras repetições destes. Isto não leva ao conhecimento da história, mas a uma mera memorização. É possível que o comportamento barulhento, a falta de atenção, a ausência de interesse de alguns alunos se deva ao fato da repetição exagerada.

Não adianta expor conteúdos sem contexto e pedir aos alunos que copiem e repitam oralmente ou verbalmente (através do exercício) esta metodologia não resultará em uma aprendizagem satisfatória. Durante a observação alguns professores chegam a mudar sua metodologia tentando passar uma prática que geralmente não usam, talvez para “impressionar”. Dessa forma, a observação que chamamos de “tradicional” “policialesca” sem ajuda para o desenvolvimento do Estágio Supervisionado, nem para os alunos.

¹⁰ Fui concluinte no semestre 95.2, mas tranquei o período.

PRÁTICA DE ENSINO: UMA EXPERIÊNCIA QUE PRECISAMOS REGISTRAR

É difícil um estagiário trabalhar se não definir o seu papel junto aos alunos a fim de ajudá-los a progredir como pessoas e a crescer na produção do conhecimento humano. Diante de tal preocupação qual nossa “missão” como professores estagiários junto aos adolescentes que estão em crescimento, com a Prática de Ensino, temos a oportunidade de descobrir se realmente o magistério é o que realmente queremos e podemos responder a estas e outras questões que permeiam e tomam destaque antes do estagiário passar a ministrar as aulas.

Quando estamos prestes a assumir o lugar da professora regente, no momento sentimos um certo medo; ficamos refletindo sobre “o que vão pensar de nós”? “Será que vão nos aceitar?” “Seremos capazes de controlar a turma?” “Despertar seu interesse?” “Teremos realmente a capacidade de transmitir de maneira coerente os conteúdos? ...”

Durante o período que atuamos como professores estagiários, de outubro a novembro, enfrentamos nas primeiras aulas várias dificuldades, entre elas a insegurança, o medo de assumir a responsabilidade de trabalhar com as turmas e outros. Mas durante o decorrer das aulas ministradas, aos poucos fomos superando o medo, derrubando os obstáculos e fomos nos acostumando e nos tornando mais seguros e confiantes na realização do trabalho, na medida em que esclarecíamos nossas expectativas, assumimos definitivamente nosso lugar. Ficamos felizes em poder ajudar na aprendizagem de crianças e jovens, que através de um bom preparo e planejamento organizado, voltado para o interesse e aprendizagem do aluno, é possível realizarmos aulas dinâmicas e significativas para os alunos, tentando ajudá-los a ver, compreender a realidade histórica, expressar-se, descobrir-se, assumir a postura de que também faz parte da história.

“Através de seu trabalho específico, a escola deve levar o aluno a compreender a

realidade de que faz parte, situar-se nela, interpretá-la e construir para sua transformação.

(Equipe do Cempec)

Partindo deste princípio, tentamos levar nosso planejamento, sabíamos que não era possível fazermos uma grande mudança na escola, pois as normas já estavam estabelecidas, ou seja, os conteúdos estavam programados. Na medida do possível, tentamos sair das aulas tradicionais, oferecendo aos alunos a oportunidade de construir sua aprendizagem, procuramos desmistificar a noção de que o professor é o “centro do saber”.

Tentamos fazer com que os alunos não fossem apenas “meros espectadores”, pessoas instruídas e ensinadas. Tivemos o cuidado de não transformar a aprendizagem em uma simples aquisição de informação isolada e sem sentido, aquela aprendizagem sistemática, caracterizada pela memorização. Sabemos que ensinar consiste em algo além de elogios, notas e memorização de conteúdos, muito mais importante que isto é a incorporação dos alunos, seu crescimento e sua condição de saber e poder analisar, criticar e opinar.

“Compreendo, cada vez mais, que só me interessa pela aprendizagem que impera significativamente sobre o conteúdo”¹¹

Durante as aulas que ministramos, tivemos como primeiro objetivo fazer uma sondagem no 1º ano A seguida posteriormente por conteúdos que constavam do programa da escola. Agimos de maneira diversificada, procurando aproveitar o máximo o período que iríamos atuar em sala de aula como regente. Nosso trabalho foi realizado a partir de aulas expositivas dialogadas. Nelas tentamos utilizar uma metodologia que fosse capaz de fazer com que o aluno conseguisse construir sua aprendizagem. Foi nessa perspectiva de que tentamos tornar os conteúdos significativos para os alunos, mesmo sabendo que não é fácil, chamamos sua atenção para os

¹¹ ROGERS, Carls. In: FREITA, Lia Beatriz de Lucca. A Produção da ignorância na escola. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1991.

questionamentos, pedimos sugestões e fazemos comparações de situações do passado com o presente. Com relação aos recursos didáticos trabalhados em sala de aula, procuramos inovar, no sentido de tornar a aula mais dinâmica, focalizar o interesse e concentrar a atenção do aluno. Além do quadro para giz, utilizamos os esquemas (ver anexo III) para facilitar a compreensão do conteúdo e ainda:

- Textos mimeografados (ver anexo IV) como apoio de leitura e compreensão, já que não havia livros, nem mesmo o livro didático na escola do campo estágio..

- Slides - para fixação de conteúdo, para despertar a atenção do aluno, para movimentar a aula e incentivá-los na compreensão, descoberta, construção e reconstrução, enfim na produção de textos.

- Cartazes - para incentivá-los na descoberta do tema a ser estudado, e na sua interpretação.

- Leitura de mapa - para identificar, o espaço, a localização de alguns fatos históricos, como por exemplo, as áreas onde ocorreram a mineração, as rebeliões coloniais etc.

Alguns desses recursos utilizados produziram um “ótimo” efeito, chamaram a atenção dos alunos. Eles perguntaram sobre o que representavam as GRAVURAS, AS CORES, os tamanhos. Percebemos que as formas e apresentação dos recursos influenciam na aceitação dos mesmos. O professor, como comunicador, deve saber quais os recursos mais apropriados para melhor ensinar. Tendo em vista que os RECURSOS são instrumentos para o processo ensino-aprendizagem o seu aproveitamento é fundamental para: integrar conhecimento; facilitar a compreensão e estimular a imaginação; encorajar a expressão verbal e escrito, sintetizar conhecimento; proporcionar feedback.

Quanto aos textos, alguns deles foram produzidos em equipe e supervisionados pela professora da Prática de Ensino. Dentro dos temas a

serem trabalhados, fizemos nossas propostas de atividades como também elaboramos exercícios mimeografados (ver anexo V) sendo alguns aproveitados por outros estagiários, pois tinham muito em comum com o que preparamos para nossas turmas.

No geral, acreditamos, que os exercícios e atividades foram “bem aceitas” pelas turmas, os alunos participaram e se dedicaram em fazê-los. Achamos que a produção de textos e de questões pelos próprios alunos foi um fator de grande importância para o desempenho deles. Deixamos cada um fazer suas atividades como sabiam, na hora da correção valorizávamos o que o aluno havia feito e mostrávamos onde poderiam se aperfeiçoar.

No que concerne aos livros didáticos consultados¹² durante a prática de ensino, pudemos perceber que o marxismo é a corrente historiográfica predominante. Nestes como em outros livros didáticos, vemos que existe uma ênfase para o aspecto político, econômico e social, ou seja, valoriza-se o papel das forças produtivas e das relações sociais de produção. Além dos livros didáticos fizemos leituras de livros do 3º grau com o intuito de melhorarmos e aprofundarmos nosso conhecimento. Fizemos o melhor possível para tornar as aulas mais lógicas e de interesse para os alunos, procuramos retirar a versão de que história é “decoreba” de fatos passados, e pode ajudar a tornar as pessoas críticas e capazes de construir um mundo mais justo.

Por isso não devemos seguir apenas o conteúdo dos livros didáticos, mas buscar realmente várias visões e abordar diversos textos, livros, artigos e acima de tudo a realidade e vivência dos alunos. Afinal, hoje se vê claramente que, entre os vários aspectos de vida de uma sociedade, existe uma interligação que constituem um todo... O aspecto político só pode ser compreendido dentro de um determinado contexto econômico-social. Não é possível que os alunos compreendam a vida dos povos no passado, sem ver as sociedades nas diferentes épocas de uma maneira integral, ou seja como viviam os homens, como se alimentavam, sua mentalidade, etc.

¹² Ver bibliografia dos planos de aula.

CAPÍTULO III

Avaliação

“Ouço e esqueço vejo e me lembro. Faço e compreendo.

(Provérbio Chinês)

AVALIAÇÃO

“Avaliar não é medir ou pesar na balança o conhecimento”.

(Rodrigues Neidson)

Um dos grandes problemas do ensino é o da verificação do aproveitamento. É fora de dúvida que o ideal seria não haver provas e, o professor após cada período letivo, tomando por base suas observações pessoais, referente ao aproveitamento de cada aluno, sentindo e analisando seu trabalho, chegasse a conclusão sobre os aprovados e reprovados.

Sem dúvida o elemento humano não chegou a tal perfeição e, como julgar é problema mais complexo, talvez nunca cheguemos ao ideal referido acima.

Há dessa forma, a necessidade de procurarmos aperfeiçoar o sistema de medida de aproveitamento, visando conseguir chegar a uma conclusão que seja a menos errada e a menos injusta.

Na escola, a avaliação é uma maneira de verificar até que ponto se conseguiu atingir um objetivo, ou seja, analisar se o aluno conseguiu absorver um determinado conteúdo. Funciona com um diagnóstico onde uma programação, um planejamento é colocado em questão. Sempre que uma tarefa é cumprida a pessoa responsável por sua execução é julgada quanto seu grau, eficiência e desempenho, bem como quanto e em que medida os objetivos foram alcançados. O julgamento é feito a partir de uma apreciação do professor, seguindo o que ele acha ou de acordo com seus objetivos. Por isso, ao se planejar devemos proceder de forma a atingir com eficiência as necessidades do aluno, trabalhando de acordo com suas aspirações. No processo ensino-aprendizagem não devemos avaliar apenas o conhecimento, cabe a nós buscarmos uma avaliação contínua, integral, levando em conta o interesse; o modo de agir; os hábitos de trabalho, a adaptação pessoal e social e o comportamento e necessidades de cada um. Não é simplesmente uma

prova que pode avaliar o aluno, existem outros procedimentos que tornam a avaliação mais justa. Por exemplo, ao utilizarmos certos critérios, estaremos averiguando melhor o progresso real de cada alunos. Para isso podemos avaliar de acordo com o nível de desenvolvimento de cada um, os valores devem ser averiguados de acordo com sua própria capacidade, cultura e meio social, dando também a oportunidade do aluno se auto-avaliar permanentemente. Sabemos que provas e notas, muitas vezes, podem não mostrar o real do aluno e sua aprendizagem. Avaliar está presente em todos os momentos de nossa vida, estamos sempre tendo que tomar decisões que geralmente são definidas a partir da avaliação. Avaliar é algo muito difícil principalmente quando estamos avaliando outros.

No decorrer das aulas ministradas no estágio, estávamos permanentemente avaliando a tudo e a todos, ou seja emitindo opiniões sobre a turma, tentando considerar cada um como um representante do todo, considerando suas aspirações, interesses facilidades e dificuldades. Nós futuros professores devemos nos comprometer e não tratar todo aluno como se fosse igual, devemos ter compromisso com uma educação voltada para a experiência e capacidade de cada um. É importante ver o aluno como um ser capaz e que pensa, neste caso, precisamos de competência não só de passar o conteúdo, como também de criarmos alternativas para incentivar o aluno a participar e acreditar que pode crescer e desenvolver uma boa aprendizagem.

Nas escolas, geralmente, existe uma avaliação isolada, onde são apresentados conteúdos desvinculados da realidade social, e cultural do aluno, onde devem responder questões que são puramente copiadas e decoradas de livros a textos. É um saber que já vem preparado, onde nem todos conseguem captá-lo.

Para que uma avaliação seja mais justa é preciso que se dê a todos as mesmas oportunidades, que se respeite cada um individualmente, que haja um clima favorável a todos, sem repressão, sem incompreensão. Nesta, não deve está presente apenas o que o aluno conseguir reproduzir dos livros e textos.

O sistema escolar nos impõe uma avaliação burocrática apresentada a partir de uma nota ou conceito. Consideramos que ainda falta muito para chegarmos a uma avaliação menos injusta. É imprescindível que antes de avaliarmos tenhamos observado os conteúdos trabalhados, os recursos utilizados, os objetivos e a metodologia. Todas estas considerações devem estar presentes ao se avaliar, uma vez que, a aprendizagem do aluno depende muitas vezes da capacidade e preparação nossa, daí a necessidade de nos auto-avaliarmos. Não é fácil, nem simples sermos justos quando atribuímos uma nota. Por isso, devemos utilizar o maior número de opções possíveis e apreciar a tarefa feita pelos alunos.

Nas atividades que aplicamos em sala de aula, procuramos valorizar ao máximo tudo o que os alunos escreveram (ver anexo) consideramos cada palavra como importante, pois o próprio ato deles se interessarem a responder a tarefa é positivo. Sem contar que antes eles já haviam comentado, dado opiniões, questionado e apresentado informações no decorrer das aulas.

No geral, as atividades foram bem aceitas pelas turmas, os alunos participaram e se dedicaram em fazê-las. Achamos que a construção de textos e de questões pelos próprios alunos (ver anexo VI) foi um fator de grande importância para o desempenho da turma e o interesse geral. Deixamos cada um fazer suas atividades como sabiam, na hora da correção valorizamos o que o aluno havia feito e mostramos onde poderiam se aperfeiçoar. Em momento algum negamos sua visão, de mundo, sua compreensão e interpretação do conhecimento.

CONSIDERAÇÕES

FINAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ficou claro para nós, que não adianta expor os fatos históricos sem um contexto e metodologicamente não contribui para o processo ensino-aprendizagem pedir aos alunos que copiem e memorizem o que está escrito. O conhecimento deve ser visto como algo que tem uma função social, principalmente na 5ª série que é a base para outras séries.

Acreditamos que uma aula pode ser bem aproveitada se promover ao máximo a participação do aluno;; se proporcionar aos alunos contato com materiais didáticos e tentarmos compreender o que eles pensam e não negar seu conhecimento. Precisamos utilizar o conhecimento do aluno e seu interesse para que ele seja capaz de formar e ou interpretar conceito sobre o que está estudando . Não devemos impedir que ele cometa um “erro” e muito menos corrigi-lo imediatamente, mas sim, fazer um confronto, mostrando que existe outros modelos, fazendo assim com que ele possa refletir e avançar no conhecimento.

Por fim, consideramos de fundamental importância trabalhar a história de forma que o homem deva ser visto como sujeito de ação, possibilitando aos alunos compreender o presente, vendo o nosso mundo como o resultado de um longo processo histórico, onde o econômico, o social, o político,, o cultural, o cotidiano, e ou mentalidade tiveram sua importância.

A história dos homens pode ser interpretada de forma prazerosa, gostosa. O essencial para o professor de história é definir um planejamento que possa contribuir para que esta “forma” de ensinar a história seja realizada. Neste sentido, os adolescentes sintam prazer em estudá-la. Devemos trabalhar seriamente, vivendo o papel de educador; valorizando a confiança que a sociedade nos deposita.

Nós futuros educadores,, devemos ter em mente a consciência de que podemos ser um elemento de mudança.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

- CAPPELLETTI, Isabel Franchi. Planejamento de ensino. Escola. 1972.
- KEMP, Jerrold E. Planejamento de Ensino: um plano para desenvolvimento de unidades e cursos. Trad. Maria João Pereira Cabral. Rio de Janeiro: Livro Técnicos e Científicos. 1977.
- LOPES, Antônia Osima et alii. Repensando a didática. Coord. Ilma Passos de Alencastro Veiga. 10ª ed. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1995.
- MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. Ensino: as abordagens do Processo. São Paulo: EPU, 1996.
- NIDELCOFF, Maria Teresa. A Escola e a compreensão da realidade. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- PILETTI, Claudino. Didática Geral. 10ª ed. São Paulo: Ática, 1989.
- RODRIGUES, Neidson. Da mistificação da Escola à Escola Necessária. 6ª ed. São Paulo Cortez, 1992.
- TURRA, Clódia Maria Godoy et alii. Planejamento de Ensino e Avaliação. 11ª ed. Porto Alegre: Sagra, 1988.

A N E X O S

A N E X O I

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA
SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA DO BRASIL

ESTAGIÁRIA: EDVANE DE ARAÚJO SILVA

ORIENTADORA: ERONIDES CÂMARA DONATO

SÉRIE: 5ª TURMA: E

UNIDADES: 4 UNIDADES

Plano de Ensino

Objetivo Geral:

Adquirir uma visão de conjunto do desenvolvimento político, econômico e social do Brasil antes e após a vinda dos portugueses até a proclamação da independência.

Unidade I (38 dias) 16 h/aulas

Objetivos específicos

- Compreender a história como fonte de informação sobre os fatos.
- Analisar como era a vida do índio antes da chegada dos portugueses.
- Comparar o cotidiano do indígena antes e depois da chegada dos portugueses
- Compreender os fatores da expansão comercial européia e da chegada dos portugueses ao Brasil.

Conteúdo

- A importância da história
- Pré-história do Brasil
 - Índios, eles chegaram primeiro
- Portugal e Espanha saem na frente
 - O tratado de Tordesilhas
 - E foi chegando uma gente estranha: os portugueses

Unidade II (39 dias) - 16 hs/aulas

Objetivos específicos

Discutir/analisar os limites dos interesses de Portugal em relação ao Brasil.

Compreender como se dava a organização e funcionamento dos governos coloniais, enfocando a finalidade de sua implantação

Refletir sobre o sentido da colonização do Brasil e compreender o objetivo dos portugueses em explorar as primeiras riquezas encontradas

Conteúdo

- Implantação do sistema colonial no Brasil
- Quem mandava nesta terra? só amigos do Rei
capitanias e governo geral
- A economia colonial dos primeiros tempos
O pau Brasil

Unidade III (52 dias) 22 hs/aulas

Objetivos específicos

- Identificar as principais riquezas produzidas pelo Brasil colônia
- Discutir como se deu o processo de exploração do açúcar no Brasil colônia,, enfocando as diferenças sociais
- Analisar a participação do escravo na economia colonial
- Identificar os fatores que levaram a luta pelo domínio sobre o litoral

Conteúdo

- Riquezas produzidas pela terra
- A colônia brasileira torna-se açucarada
Os grupos da sociedade colonial
Sem eles (escravos) o Brasil parava
- A conquista e o domínio do litoral pelo europeu

Unidade IV

Objetivos específicos

- Discutir a expansão territorial a partir do medo que os portugueses tinham em perder sua colônia e riqueza.
- Analisar a importância das entradas e bandeiras para a expansão do território
- Estudar o papel dos Jesuítas nas missões
- Destacar a importância do ouro para o povoamento do interior brasileiro
- Identificar os grupos sociais que estavam nas minas e suas funções
- Perceber quem participou das rebeliões coloniais e analisar o objetivo de cada um dos grupos envolvidos.

Conteúdo:

- A expansão territorial
 - Entradas e Bandeiras
 - O papel dos Jesuítas nas missões
- Mineração: quem estava naquela mina de ouro?
- As rebeliões no Brasil colonial

Metodologia

Aula expositiva dialogada, com cartazes discussão em grupo, utilização de esquema texto, mapas, trabalho em grupo.

Avaliação

Provas escritas, atividades em grupo, produção de texto individual ou em equipe.

Bibliografia

BOULOS JUNIOR, Alfredo. História do Brasil Colônia. São Paulo: FTD.
volume I

COTRIM, Gilberto. História e Consciência do Brasil 7ª ed. São Paulo:
Saraiva. 1994

MOTA, Carlos Guilherme e LOPEZ, Adriana. História e civilização: O Brasil
Colonial. 2ª ed. São Paulo: Ática 1995.

PILETTI, Nelson e PILETTI, Claudino. História e Vida: da pré-história
independência. 7ª ed. São Paulo: Ática 1994

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA
SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA DO BRASIL

ESTAGIÁRIA: EDVANE DE ARAÚJO SILVA

ORIENTADORA: ERONIDES CÂMARA DONATO

COORD. DA PRÁTICA DE ENSINO: ERONIDES CÂMARA DONATO

SÉRIE: 5ª TURMA: E TURNO: TARDE

UNIDADES: 1 UNIDADE

Plano de Unidade

Objetivos específicos:

Discutir a expansão territorial brasileira a partir do modo que os portugueses tinham em perder sua colônia e riqueza.

Analisar a importância das Entradas e Bandeiras para a expansão do território.

Destacar a importância do ouro para o povoamento do interior brasileiro.

Identificar os grupos sociais que estavam nas minas e suas funções.

Analisar quem participou das rebeliões e o objetivo de cada um dos grupos envolvidos.

Conteúdo

- A Expansão Territorial
- Entradas e Bandeiras
- Mineração: quem estava naquela mina de ouro?
- As rebeliões no Brasil Colonial:

As rebeliões nativistas

Movimentos de libertação colonial

Metodologia

Aula expositiva dialogada, utilização de slides, utilização do esquema no quadro para giz.

Avaliação

Trabalho individual e em grupo, produção de textos

Bibliografia

BOULOS JUNIOR, Alfredo. História do Brasil Colônia. São Paulo: FTD.

Volume. I

COTRIM, Gilberto. História de Consciência do Brasil. 7ª ed. São Paulo: Saraiva 1994.

PILETTI, Nelson. História e Vida Brasil da pré-história a Independência. 7ª ed. São Paulo; Ática. 1994.

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA
SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA

ESTAGIÁRIA: EDVANE DE ARAÚJO SILVA

ORIENTADORA: ERONIDES CÂMARA DONATO

SÉRIE: 1ª TURMA: A TURNO: NOITE

UNIDADES: 4 UNIDADE - CARGA HORÁRIA: 64 HORAS/AULA

Plano de Ensino

Objetivo Geral:

- Discutir os aspectos mais importantes que caracterizam a história e evolução paraibana desde a ocupação até os dias atuais.

Objetivos Específicos:

- Estudar a Paraíba dentro do sistema colonial, analisando como se deu sua conquista e ocupação.
- Analisar o papel do negro como força de trabalho e sua importância para o desenvolvimento da Paraíba.
- Identificar os fatores que contribuíram para o declínio da escravidão na Paraíba.
- Discutir as relações de poder e resistência da Paraíba a nível nacional, nos aspectos políticos, social e cultural nos períodos de 1920-1930.
- Discutir o processo de urbanização e a luta pela terra após 1930.

Conteúdo:

Unidade I

- A Paraíba dentro do sistema colonial
 - ⇒ Ocupação e conquista da Paraíba
 - ⇒ Invasões holandesas e francesas

Unidade II

- O papel do negro na economia colonial
 - ⇒ O declínio da escravidão na Paraíba
 - ⇒ Idéias de independência

Unidade III

- Ideologias e relações de poder na Paraíba
 - ⇒ Coronelismo
 - ⇒ Cangaço e movimentos messiânicos
 - ⇒ O movimento de 1930

Unidade IV

- O processo de urbanização
 - ⇒ A luta pela terra
 - ⇒ Urbanização X favelas
 - ⇒ A resistência camponesa

Metodologia:

- Aula expositiva dialogada, utilização do esquema, trabalho em grupo e individual, debates

Recursos didáticos:

- Mapas
- Cartazes
- Textos e exercícios mimeografados

Avaliação:

- Trabalho em grupo
- Produção de textos individual e em grupo
- Prova escrita

Bibliografia:

- ALMEIDA, Horácio de. História da Paraíba. João Pessoa: UFPB, 1978.
Volume I.
- FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra. As Secas: Oligarquia e Cangaço. Revista Grão. Nº e Ano I. Set/out. 1985.
- JOFFILY, Irineo. Notas sobre a Paraíba. Brasília: Thesaurus, 1977.
- MELLO, Humberto C. de. Bases da Sociedade Paraibana. In: ____ Paraíba, Conquista e Povo. A História e Seus Interpretes. Série IV Centenário A União Cia. Editora, 1983.
- OCTÁVIO, José (org.) A Paraíba, das origens a urbanização. João Pessoa: FCSA. 1938.
- OCTÁVIO, José. A Escravidão na Paraíba: Historiografia e História. João Pessoa: A União, 1988.
- VIDAL, Ademar. João Pessoa e a Revolução de 30. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1978.

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA
SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA

ESTAGIÁRIA: EDVANE DE ARAÚJO SILVA

ORIENTADORA: ERONIDES CÂMARA DONATO

SÉRIE: 1ª TURMA: A TURNO: NOITE

UNIDADES: 1 UNIDADE - CARGA HORÁRIA:

Plano de Unidade

Objetivos:

- Analisar o papel do negro como força de trabalho e sua importância para o desenvolvimento da Paraíba.
- Identificar os fatores que contribuíram para o declínio da escravidão na Paraíba.

Conteúdo:

- O papel do negro na economia colonial
- Costumes da Sociedade Paraibana (século XVII)
- O Declínio da Escravidão na Paraíba
- Idéias de independência.

Metodologia:

- Utilização do esquema
- Aula expositiva dialogada
- Debates

Recursos didáticos:

- Mapas
- Cartazes
- Textos e exercícios mimeografados

Avaliação:

- Produção textos em grupo
- Exercício escrito

Bibliografia:

ALMEIDA, Horácio de. História da Paraíba. João Pessoa: UFPB, 1978.

Volume I.

MELLO, Humberto C. de. Bases da Sociedade Paraibana. In: ____ Paraíba, Conquista e Povo. A História e Seus Interpretes. Série IV Centenário A União Cia. Editora, 1983.

OCTÁVIO, José. A Escravidão na Paraíba: Historiografia e História. João Pessoa: A União, 1988.

A N E X O II

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA
SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA

ESTAGIÁRIA: EDVANE DE ARAÚJO SILVA

ORIENTADORA: ERONIDES CÂMARA DONATO

SÉRIE: 5ª TURMA: E TURNO: TARDE

CARGA HORÁRIA: 90 MIN (2 AULAS) DATA: 21/10/96

Tema: Expansão Territorial

A expansão Territorial

Plano de Aula

Objetivos

- Discutir a expansão territorial brasileira a partir do medo que os portugueses tinham em perder sua colônia e riqueza.
- Analisar a importância das entradas e bandeiras para a expansão do território
- Diferenciar entradas de bandeiras
- Estudar o papel dos jesuítas nas missões

Conteúdo

A Expansão territorial

Entradas e Bandeiras

As missões jesuítas

Metodologia

Aula expositiva dialogada com uso do mapa

Exploração do cartaz

Entrega do texto e exercício mimeografados

Recursos didáticos

mapas

cartaz

Texto e exercício mimeografados

Quadro para giz

giz

apagador

Avaliação

Exercício oral e escrito

Bibliografia

BOULOS. JUNIOR, Alfredo. História do Brasil. São Paulo: FTD. volume I.

PILETTI, Nelson PILETTI, Claudino. História e vida: da pré-história a independência. São Paulo: Ática. 1994.

SILVA, Francisco de Assis - História do Brasil Colônia. São Paulo: moderna.
1982

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA
SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA

ESTAGIÁRIA: EDVANE DE ARAÚJO SILVA

ORIENTADORA: ERONIDES CÂMARA DONATO

SÉRIE: 5ª TURMA: E TURNO: TARDE

CARGA HORÁRIA: 90 MIN (2 AULAS) DATA: 04/11/96

Tema: A mineração

Título: Mineração: quem estava naquela mina de ouro?

Plano de Aula

Objetivos

- Destacar a importância do ouro para o povoamento do interior brasileiro e como fonte de riqueza para determinados grupos sociais.
- Identificar os grupos sociais que estavam nas minas e suas funções.

Conteúdo

A corrida pelo ouro

Riqueza para poucos, fome e miséria para muitos.

Metodologia

Aula expositiva

Entrega do texto

Apresentação de slide

Recursos didáticos

Slide

Texto e exercício mimeografado

quadro para giz

giz

Bibliografia

BOULOS JUNIOR, Alfredo- História do Brasil. São Paulo FTD. volume I.

PILETTI, Nelson; PILETTI, Claudino - História e vida: da pré-história a independência, São Paulo: Ática. 1994

SILVA, Francisco de Assis. História do Brasil Colônia. São Paulo: moderna. 1982.

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA
SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA

ESTAGIÁRIA: EDVANE DE ARAÚJO SILVA

ORIENTADORA: ERONIDES CÂMARA DONATO

SÉRIE: 5ª TURMA: E TURNO: TARDE

CARGA HORÁRIA: 90 MIN (2 AULAS) DATA: 11/11/96

Tema: Revisão de Conteúdo

Título: mineração: quem estava naquela mina de ouro?

Plano de aula

Objetivo:

Perceber o aprendizado sobre o conteúdo estudado

Conteúdo:

- A corrida pelo ouro
- Riqueza para poucos, fome e miséria para muitos

Metodologia:

Aula expositiva dialogada com auxílio de poema
Aplicação de exercício

Recursos didáticos

Texto e exercício mimeografados
Quadro para giz
giz
apagador

Avaliação

Exercício escrito (produção de texto)

Bibliografia:

BOULOS JUNIOR, Alfredo. História do Brasil, São Paulo: FTD. Volume I

PILETTI, Nelson & PILETTI, Claudino. História e Vida: da pré-história a independência. São Paulo: Ática. 1994.

SILVA, Francisco de Assis. História do Brasil colônia. São Paulo: moderna. 1982.

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA
SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA DO BRASIL

ESTAGIÁRIA: EDVANE DE ARAÚJO SILVA

ORIENTADORA: ERONIDES CÂMARA DONATO

SÉRIE: 5ª TURMA: E TURNO: TARDE

CARGA HORÁRIA: 90 MIN (2 AULAS) DATA: 18/11/96

Tema: Rebeliões Coloniais

Título: Rebeliões nativistas

Plano de aula

Objetivo

Analisar a participação dos grupos envolvidos nas rebeliões nativistas e compreender o objetivo de cada um dos envolvidos.

Conteúdo

Rebeliões Nativistas:

Revolta de Beckman

Guerra dos mascates

Guerra dos emboabas

Metodologia

Utilização do esquema

Aula expositiva dialogada

Entrega de texto e exercício

Recursos didáticos

Mapa

Texto e exercício mimeografados

Quadro para giz

Apagador

Giz

Avaliação

Trabalho em grupo (produção de texto sobre uma das rebeliões)

Bibliografia

MOTA, Carlos Guilherme e LOPEZ, Adriana. *História e Civilização: O Brasil Colonial*, 2ª ed, São Paulo: Ática 1995.

PILETTI, Nelson e PILETTI, Claudino - *História e Vida. Brasil: da Pré-História a Independência*, 7ª ed. São Paulo: Ática, 1994.

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA
SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA

ORIENTADORA: ERONIDES CÂMARA DONATO

ESTAGIÁRIA: EDVANE DE ARAÚJO SILVA

SÉRIE: 5ª TURMA: E TURNO: TARDE

CARGA HORÁRIA: 90 MINUTOS (DUAS AULAS) DATA: 25/11/96

Tema: Rebeliões Coloniais
Conjuração mineira e Baiana

Plano de aula

Objetivo

Analisar a participação dos grupos envolvidos na conjuração mineira e baiana e compreender o objetivo de cada um dos envolvidos.

Conteúdo

Conjuração mineira

Conjuração Baiana

Metodologia

Descoberta do tema

Utilização do esquema

Aula expositiva dialogada com auxílio de cartaz

Entrega de mapa mimeografados para se identificar o local das rebeliões estudadas durante a aula.

Entrega de exercício

Recursos didáticos

mapa

cartazes

quadro para giz

apagador

Exercício mimeografado

Avaliação

Exercício escrito

Bibliografia

SANTOS, Maria Januária Vilela. História do Brasil. 8ª ed. São Paulo: Ática: 1993.

SILVA, Francisco de Assis. História do Brasil: Colônia. 5ª série. São Paulo: ed. moderna. 1982

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA
SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA

ESTAGIÁRIA: EDVANE DE ARAÚJO SILVA

ORIENTADORA: ERONIDES CÂMARA DONATO

SÉRIE: 1º TURMA: A TURNO: NOITE

CARGA HORÁRIA: 35 MIN (1 AULA) DATA: 22/10/96

Tema: Costumes paraibanos

Título: Costumes da sociedade Paraibana (século XVII)

Plano de Aula

Objetivos

Perceber/conhecer alguns costumes (formas de casamento/vida das mulheres e dos homens) da Paraíba na época estudada e compara-los com os costumes atuais.

Metodologia

Utilização do esquema

Aula expositiva-dialogada

Entrega do texto

Recursos didáticos

Texto mimeografado

Quadro para giz

Giz

Apagador

Bibliografia

ALMEIDA, Horácio de. História da Paraíba. 2ª ed. João Pessoa: Ed.

Universitária UFPB. 1978 volume I.

MELLO, Humberto. C. de - Bases da Sociedade Paraibana: Escravidão, Regime de Família e Propriedade. In: Paraíba, Conquista, Patrimônio e Povo. A História e seus Interpretes. Série IV centenário. A União Cia Editora: 20 - 21. 1983.

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA
SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA

PROFESSORA ESTAGIÁRIA: EDVANE DE ARAÚJO

ORIENTADORA: ERONIDES CÂMARA DONATO

SÉRIE: 1º TURMA: A TURNO: NOTURNO

CARGA HORÁRIA: 35 MIN DATA: 29/10/96

Tema: Revisão do Conteúdo

Título: Alguns Costumes da Capitania da Paraíba

Objetivo:

Perceber o aprendizado sobre o conteúdo estudado

Conteúdo:

Implantação da escravidão negra na Capitania Paraibana (século XVII)

Regime familiar

Família patriarcal

casamentos

homens/mulheres

Metodologia

Aula expositiva dialogada com apresentação de frases referentes ao conteúdo para serem comentadas durante a aula.

Avaliação

Participação e interesse do aluno

Bibliografia:

ALMEIDA, Horácio de. História da Paraíba 2ª ed. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 1978. Volume I.

MELLO, Humberto C de. Bases da Sociedade Paraibana. Escravidão Regime de Família e Propriedade. In: Paraíba, Conquista, Patrimônio e Povo A História e Seus Interpretes.

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA
SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA DA PARAÍBA

ESTAGIÁRIA: EDVANE DE ARAÚJO SILVA

ORIENTADORA: ERONIDES CÂMARA DONATO

SÉRIE: 1º TURMA: A TURNO: NOITE

CARGA HORÁRIA: 70 MIN (2 AULAS) DATAS: 12/11/96 - 19/11/96

Tema: Escravidão

Título: O Declínio da Escravidão na Paraíba

Plano de Aula (para duas aulas)

Objetivo:

Identificar e discutir sobre alguns fatores que contribuíram para o declínio da escravidão na Paraíba.

Conteúdo

Economia colonial paraibana e mão de obra escrava
Enfraquecimento da escravidão

Metodologia

Utilização do esquema
Aula expositiva dialogada com auxílio de frases e mapa
Entrega do texto e exercício mimeografados

Recursos didáticos

mapa
Texto e exercício mimeografados
quadro para giz
Giz
Apagador

Avaliação

Exercício escrito em grupo

Bibliografia:

COTRIM, Gilberto. História do Brasil. 4ª ed. São Paulo: Saraiva. 1985

JUSTINO, Maria das Graças. O Declínio da Escravidão na Paraíba. In: produção de textos de história da Paraíba: recursos didáticos no ensino da história no 2º grau. Coord e org. Eronides Câmara Donato. Campina Grande: UEPB 1993.

A N E X O III

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA
SILVEIRA

CAMPINA GRANDE

ESTAGIÁRIA: EDVANE DE ARAÚJO SILVA

ALUNO (A) _____

SÉRIE: 5ª

TURMA: E

TURNOS: TARDE

Esquema

Mineração: quem estava naquela mina de ouro?

- A corrida pelo ouro e o povoamento
- Uma procissão para as minas homens, mulheres, padres, moços e velhos
- O ouro: riqueza de poucos e miséria de muitos
- grupos que estavam nas minas:
 - **Minerador** - procurava explorar ao máximo o trabalho dos escravos. Levava uma vida de luxo e fortuna com a riqueza produzida pelo trabalho dos escravos.
 - **Escravo** - era obrigado a trabalhar o dia inteiro (extraíndo ouro) com as pernas dentro d'água, atolados no barro. Pertenciam ao senhor como coisa, como animais.

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA
SILVEIRA

CAMPINA GRANDE ____ / ____ / ____

ESTAGIÁRIA: EDVANE DE ARAÚJO SILVA

SÉRIE: 5ª TURMA E TURNO: TARDE

Esquema

As rebeliões Nativistas

Rebeliões nativistas - disputa entre funcionários do governo e colonos; senhores de engenho e comerciantes; bandeirantes e jesuítas, visando diminuir a opressão dos impostos e da administração portuguesa aqui na colônia.

Principais Rebeliões

Revolta de Beckman - (1684/1709)

Líder - Manoel Beckman

Participantes - colonos maranhenses x padres e companhia do comércio

Objetivo - colonos maranhense queriam obter permissão para escravizar os índios

Cenário - Maranhão

Razão do conflito - a revolta foi provocada pela crise açucareira no Maranhão.

Os colonos entraram em sério conflito com os jesuítas porque queriam escravizar os índios (para fazê-lo invadiam as missões).

Guerra dos Mascates - (1710 - 1711)

Líder - Bernardo Vieira (prop. de engenho)

Participantes - comerciantes de Recife x senhores de engenho de Olinda.

Objetivo - Recife torna-se vila.

Cenário - Pernambuco na fase de queda do preço do açúcar, devido a concorrência do açúcar europeu.

Razão do conflito - os senhores de engenho de Olinda rebelaram-se contra os comerciantes do Recife (apelidados de mascates) que lutavam pela autonomia administrativa do povoado.

Guerra dos Emboabas - (1708 - 1709)

Líder -

Participantes - bandeirantes paulistas x portugueses (emboabas)

Objetivo - controlar as minas

Cenário - região das minas de ouro

Razão do conflito - a guerra dos emboabas foi o conflito entre paulistas e portugueses (apelidados de emboabas) pelo controle das minas.

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA
SILVEIRA

CAMPINA GRANDE ____ / ____ / ____

ESTAGIÁRIA: EDVANE DE ARAÚJO SILVA

SÉRIE: 5ª TURMA: E TURNO: TARDE

Esquema

Rebeliões Coloniais

Em Minas Gerais, no final do século XVIII, ocorreu um movimento que se destinava a realizar a independência das Capitanias, denominado Conjuração mineira.

Conjuração Mineira(1789)

Cenário - o ambiente de Minas Gerais, na fase da decadência da exploração do ouro. As idéias liberais e o clima geral de descontentamento diante dos pesados impostos incendiaram a revolta num influente grupo de pessoas mineiras.

Participantes: contratadores, fazendeiros, funcionários da câmara da Vila Rica, e contrabandistas. Joaquim José da Silva conhecido por Tiradentes estava encarregado de obter o apoio militar e popular a revolta.

Motivo - a situação na capitania era de dificuldade, para a maioria da população; devido principalmente ao declínio da mineração de ouro e a cobrança de impostos excessivos.

Objetivo - pretendiam proclamar uma República independente de Portugal. Apesar disso, pretendiam manter a ordem escravista.

Conjuração Baiana (1798)

A conjuração Baiana explodiu nove anos depois do movimento mineiro. Tinha caráter popular.

Cenário - Bahia

Participantes - médico, escravo, soldado, sapateiros, alfaiates, padres.

Motivos - desejo de liberdade

Os problemas da cidade de Salvador: falta de alimentos, custo de vida muito alto, saques a armazéns pela população.

Objetivo - Libertar-se de Portugal

Proclamar uma República democrática

Acabar com a escravidão

Abrir as portas as nações

Melhorar as condições de vida do povo.

Escola Estadual de 1º e 2º graus Ademar Veloso da Silveira

Campina Grande

Estagiária: Edvane de Araújo Silva

Série: 1º Turma: A Turno: noite

Esquema

Costumes da Sociedade Paraibana(século XVII)

- Capitania pouco povoada
- Tentativa de escravizar os índios - para o trabalho na lavoura
- Implantação da escravidão negra- força de trabalho utilizado pelo colonizador.
- Lavoura canavieira

Responsável pela prosperidade na capitania

- Regime familiar
 - Família patriarcal
 - Casamentos arranjados
 - homens - farras e bebidas
 - mulheres - reclusas, deviam arranjar e obedecer

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA
SILVEIRA

ESTAGIÁRIA: EDVANE DE ARAÚJO SILVA

ALUNO(A):

SÉRIE: 1º TURMA: A TURNO: NOITE

Esquema

O Declínio da Escravidão na Paraíba

- Vida econômica na Paraíba e mão de obra escrava

Participação da mão de obra escrava na economia até sua abolição.

Cana de açúcar- principal força econômica

Gado - usado como fonte energética, meio de transporte e provisão alimentar.

Algodão - integrou a economia paraibana colonial.

Teve seu apogeu quando a Inglaterra passou a importar algodão em grande quantidade.

- Fatores que contribuíram para o declínio da escravidão

- Fatores externos

Supressão do tráfico internacional - Lei Euzébio de Queiroz (1850) -
provocou escassez da mão de obra escrava no Brasil e na
Paraíba.

Grande deslocamento de escravos para o centro sul do país
(região do café)

Guerra do Paraguai - 3000 escravos paraibanos participaram da guerra.

Ao término da guerra os participantes escravos receberam liberdade.

- Fatores internos

movimento de pessoas que lutavam pela libertação de escravos para o centro sul - aproximadamente 4000 escravos.

Epidemias -

manumissões - tirar da escravidão; alforriar.

Crise na lavoura - agravada pela seca de 1877 - 79

A N E X O I V

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS, ADEMAR VELOSO DA
SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA

ESTAGIÁRIA: EDVANE DE ARAÚJO SILVA

DATA: ___/___/___

A Expansão Territorial

Em 1500 o Brasil era um vasto território desconhecido, com grandes extensões de terra, totalmente habitado pelos nativos, chamados de índios.

Antes do “descobrimento”, em 1494, Portugal e Espanha assinaram um acordo chamado Tratado de Tordesilhas, que estabelecia todas as terras descobertas a leste do Meridiano de Tordesilhas, seriam portuguesas, e as terras localizadas a oeste,, seriam da Espanha. Se o Tratado tivesse sido respeitado até hoje, o Brasil não seriam um país tão vasto quanto é hoje.

A Expansão territorial deve ser entendida como o processo de ocupação das terras brasileiras, pela explorações feitas pelos portugueses.

Várias foram as formas de penetrações para o interior por parte do Português. Duas se destacaram no período colonial: As Entradas e as Bandeiras. As Entradas eram expedições organizadas pelo governo de Portugal, que partindo do litoral, entravam pelo interior chamado sertão, a fim de descobrir metais preciosos, como ouro e prata, além de pedras preciosas, para o Rei de Portugal. As Bandeiras, eram expedições particulares, que saíam da Capitania de São Vicente, no atual Estado de São Paulo, com o fim de caçar índios para escravizá-los, e descobrir metais e pedras preciosas.

As Entradas e Bandeiras praticamente se constituíram em movimentos de penetração, onde deu-se início ao conhecimento do território, em seu interior, abrindo caminhos e conhecendo índios. As entradas eram formadas por empregados do Rei e as bandeiras formadas por portugueses, mestiços e índios escravos, que serviam de guia para os Senhores.

Normalmente as bandeiras criaram problemas para os Jesuítas.

Responsáveis pela catequese dos índios, esses padres, cuidavam dos índios aqui no Brasil. Reuniam eles em aldeamento, chamadas missões, em que os índios dividiam o tempo dedicando-se a lavoura, cultivavam legumes, frutas e ervas. Além dos trabalhos, havia hora para estudar, rezar e fazer orações. Portanto, os bandeirantes sempre queriam aprisionar os índios de aldeia para vendê-los como escravos aos senhores de engenho.

É bom não esquecer que o lugar mais ocupado pelo português foi a costa brasileira. Esse foi o primeiro espaço ocupado, trabalhando a administração de engenhos e mais tarde na criação de gado.

De 1500 até 1700 os índios mandavam no interior do Nordeste atual. Essa vastidão territorial era desconhecida dos portugueses, que só começaram a conhecer quando os holandeses invadiram em Pernambuco, no volta de 1624.

O que fez o homem penetrar para o interior foi a criação de gado.

Com o passar dos anos, após o início do plantio da cana-de-açúcar, foi o aumento da vinda de escravos para o Brasil, sob comando da Coroa Portuguesa, que ganhava muito com os impostos cobrados aos traficantes.

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS, ADEMAR VELOSO DA
SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA

ESTAGIÁRIA: EDVANE DE ARAÚJO SILVA

DATA: ____/____/____ - 5ª Série - Turno: Tarde.

A MINERAÇÃO

Após a entrada para o interior do Brasil - expansão territorial - a Colônia descobriu uma nova fonte econômica: o ouro e os diamantes. Estes minérios serviram para complementar e/ou dar uma nova alternativa de exploração do Brasil já que a cana de açúcar vinha entrando em decadência devido a concorrência de outros países.

O Governo de Portugal sempre procurou manter o controle sobre a exploração dos minérios na Colônia. A principal medida foi a cobrança de altos impostos. Quem encontrasse ouro ou diamante tinha que dar um quinto de imposto; causa de muita revolta,, descontentamento e contrabando.

Houve uma grande transformação na sociedade,, pois imigrantes, principalmente de Portugal, vieram para explorar os minérios brasileiros; com esta imigração houve um aumento considerável do comércio e,, uma maior integração regional, principalmente, graças aos tropeiros que viajavam de região para região levando mercadorias. Desta forma contribuiu também para criação de inúmeras cidades, principalmente próximo a grandes jazidas.

Um aumento das profissões liberais (advogados, farmacêuticos, barbeiros etc) foi possível durante este período de nossa história. Graças a esta “facilidade de ganhar dinheiro”, a mobilidade social foi possível, onde poderia se passar de uma classe social para outra somente devido o poder econômico de cada um.

Apenas a distinção entre brancos e negros é que não diminuiu; pelo contrário,, na mineração as condições de trabalho dos negros eram piores

que na atividade canavieira, como por exemplo: sua vida útil era de 5 anos devido as más condições de trabalho (em buracos alagados com água, sem ar circulando etc); isto proporcionou a origem de vários quilombos que lutavam pela liberdade dos negros.

Aconteceu, também, um florescimento intelectual na época, já que os filhos da elite foram estudar na Europa. Minas Gerais tornou-se um centro de produção artístico e cultural, tanto na arquitetura, quanto na música e na poesia.

GLOSSÁRIO

Exploração: desenvolvimento	social: grupo de pessoas com
Concorrência: competir	características parecidas
Imigrantes: pessoas que entram num local para viver nele (país)	Decadência: declinar, falir:
Integração: ligação, união	Um-quinto: quinta parte de um todo
Mobilidade: movimentação	Tropeiros: pessoas agrupadas em viagem
	Distinção: diferença.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA:

BOULOS JÚNIOR. História do Brasil São Paulo: FTD. Volume I.

SILVA, Francisco de Assis. História do Brasil Colônia. São Paulo: Moderna, 1982.

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS, ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA

ESTAGIÁRIA: EDVANE DE ARAÚJO SILVA

PROFª ORIENTADORA: ERONIDES CÂMARA DONATO

SÉRIE: 5ª - GRAU: 1º - TURMA: E - TURNO: TARDE

AS REBELIÕES NATIVISTAS

Durante o século XVII, Portugal enfrentou dificuldades de ordem econômico-financeira e de administração da colônia brasileira. A escravidão dos índios e dos negros era um problema permanente. Estes fugiam ou se revoltavam, e esta era uma preocupação das elites da colônia.

Para solucionar as dificuldades, a Coroa iniciou uma série de reformas, visando controlar e centralizar a administração da colônia. Essas reformas provocaram disputas entre funcionários do governo e colonos, senhores de engenho e comerciantes, bandeirantes e jesuítas. Estas disputas foram chamadas de rebelião nativistas, que eram lutas para diminuir a opressão dos impostos e da administração portuguesa, aqui na colônia.

A Revolta de Beckman em 1684

Em 1684, os colonos do Maranhão revoltaram-se contra as autoridades portuguesas. Essa revolta tinha como motivo a dificuldade dos colonos em não possuir escravos para o trabalho na lavoura e a falta de produtos de consumo vindos da metrópole. Acontece que ambos eram caros e não havia dinheiro para comprar tais produtos e escravos. Os senhores não dispunham de dinheiro. A solução encontrada foi escravizar os índios das missões dos padres jesuítas. Os colonos queriam os índios como escravos e os padres defendendo-os da escravidão. Nessa ocasião, a Coroa criou a

Companhia do Comércio do Maranhão para fornecer escravos, bacalhau e azeite de oliva para os colonos. Acontece que a Companhia não cumpriu o trato. em 1684, Manuel Beckman, senhor de engenho, chefiou uma revolta contra as autoridades da Companhia e dos padres. Os armazéns da Companhia foram ocupados, os jesuítas presos e o governador da capitania do Maranhão deposto. Manoel Beckman assumiu o governo, mas não conseguiu resolver os problemas dos colonos, provocando revolta destes. A Coroa mandou outro governador ao Maranhão, conseguindo sufocar a revolta. Beckman foi enforcado e os demais presos e deportados para Portugal.

A Guerra dos Mascates

Terminada a Revolta no Maranhão, em 1709 ocorreu a Guerra dos Mascates, em Pernambuco. Olinda era a principal cidade da Capitania de Pernambuco, onde moravam os senhores de engenho. Recife era o ponto que cresceu com a presença dos holandeses e os comerciantes ricos eram chamados de mascates pelos senhores de Olinda. A guerra se dá entre ambas as categorias da mesma elite. Mascate era nome dado aos comerciantes do Recife.

Os motivos da guerra dos mascates foram os seguintes:

Os senhores de engenho de Olinda sempre negociaram diretamente com a Coroa, sem intermédio dos comerciantes; as mudanças administrativas impostas pela Coroa mudaram as figuras do poder econômico na Colônia; os senhores de engenho ficaram mais pobres; o governador passou a morar no Recife, a situação piorou e principalmente quando o Recife se tornou vila em 1709, ficando independente de Olinda. No ano de 1710, houve tentativa de assassinar o governador, que fugiu para a Bahia. Com a chegada do novo governador em 1771, Felix Machado, a situação acalmou. Os chefes do movimento de Olinda foram presos e enviados para Lisboa e seus bens confiscados. Ganhou a luta os comerciantes do Recife, que ganhou também

por se tornar a sede da Capitania.

Guerra das Emboadas (1708 - 1709)

Emboaba foi o nome dado pelos sertanejos paulistas, pioneira descoberta das minas, aos recém-chegadas do litoral, de outras regiões do Brasil e aos novatos de Portugal, para as Minas Gerais.

A guerra começou quando os paulistas se acharam donos das minas, e por isso começaram as lutas entre eles. Mas no final os outros se uniram e expulsaram os paulistas.

Assim, os dois grupos rivais pediram auxílio à Coroa, que enviou novo governo e criou uma nova estrutura administrativa.

Bibliografia Consultada:

MOTA, Carlos Guilherme & LOPEZ, Adriana. **História & Civilização, O Brasil Colonial**, Ed. Ática, São Paulo, 2ª Ed., São Paulo, 1995.

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS, ADEMAR VELOSO DA
SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA

ESTAGIÁRIA: EDVANE DE ARAÚJO SILVA

SÉRIE: 1ª - GRAU: 2º - TURMA: A - TURNO: NOITE

ALUNO(A): _____

Costumes da Sociedade Paraibana

No século XVII a Capitania da Paraíba encontrava-se pouco povoada, pois assim como no restante do Brasil não havia pessoas de Portugal disposta a vir para cá. Os portugueses ao chegarem usavam de todas as maneiras para obrigar o índio a arar a terra. Tal medida não funcionou, diante da resistência dos mesmos, a Coroa portuguesa percebendo que não conseguia escravizá-los implantou a escravidão negra porque o europeu se adjetivou como uma raça superior, as demais seriam submissas - meio de solucionar a exploração (trabalho) nas capitanias.

Na Paraíba não aconteceu diferente das demais capitanias, os negros eram capturados na África e trazidos nos porões de navios para trabalhar na lavoura canavieira, trabalhavam exaustivamente nas plantações ou na pecuária, cultivavam além da cana de açúcar, o milho, a mandioca e o feijão em pequenas quantidades para subsistência dos senhores - eram mal alimentados e estavam submetidas a maus tratos.

Quanto a formação da sociedade paraibana, a situação não é diferente do restante do Brasil; a terra paraibana vai sendo ocupada, as famílias vão se formando, uma vez que no início de sua sociedade fluíam para as capitanias homens - em sua maioria solteiros - que uniam-se aos índios continuando a mestiçagem que distingue o Brasil. Era uma família patriarcal, onde o pater família exercia sobre a mulher e filhos um poder de mando quase que absoluto. As mulheres viviam praticamente reclusas, quando saíam, eram

cobertas e carregadas em uma rede para serem vistas somente pelas amigas a quem pediam licença para visitar.

Os casamentos paraibanos eram acertados na sua grande maioria entre os pais dos noivos que geralmente só se viam ao pé do altar.

A sociedade era predominantemente masculina os homens desde cedo tinham liberdades: farras, conversas em tavernas com bebidas etc.

As moças só deixavam o domínio paterno para se submeter ao marido, viviam para rezar e obedecer.

Era assim a vida na Capitania da Paraíba, onde muito costumes sobrevivem ainda hoje no estado. A escravidão foi extinta, mas o latifúndio permanece, o patriarcalismo diminuiu, mas a submissão ainda é bastante significativa.

Analisando o exposto você acha que atualmente presenciamos mudanças substanciais na nossa sociedade (paraibana)?

BIBLIOGRAFIA

MELLO, Humberto C. de Bases da Sociedade Paraibana: Escravidão, Regime de Família e Propriedade. In: _____ Paraíba Conquista, Patrimônio e Povo. A História e Seus Intérpretes. Série IV Centenário. A União Cia. Editora.

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS, ADEMAR VELOSO DA
SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA

ESTAGIÁRIA: EDVANE DE ARAÚJO SILVA

SÉRIE: 1ª - GRAU: 2º - TURMA: A - TURNO: NOITE

ALUNO(A): _____

O DECLÍNIO DA ESCRAVIDÃO NA PARAÍBA

A colonização paraibana teve início com a agricultura canavieira que representou a principal força econômica, cujo escravo possibilitou seu desenvolvimento. O gado foi introduzido nos engenhos de açúcar para ser usado como fonte energética, meio de transporte e provisão alimentar. Embora nas primitivas fazendas sertanejas tenha ocorrido a utilização de mão-de-obra indígena e mameluca, o trabalho do negro não foi omissos no criatório, nos tempos coloniais.

O algodão foi outro produto integrante da economia paraibana colonial, sua cultura teve o apogeu quando a Inglaterra passou a importar algodão em grande quantidade.

Ao romper a segunda metade do século XIX, as perspectivas para o açúcar no mercado externo eram sombrias, pois a procura pelo açúcar de beterraba europeu tornava-se cada vez mais crescente. Enquanto diminuía a rentabilidade do açúcar, o algodão tornava-se a principal fonte de renda da Paraíba. Sendo a lavoura algodoeira de curto ciclo vegetativo não era vantajoso manter o braço escravo durante todo o ano. Além disso houve grande elevação do preço do escravo em 1850 (ocasionada pela proibição do tráfico negreiro) e os fazendeiros passaram a utilizar mão-de-obra livre, uma vez que, com as restrições ao tráfico e posterior abolição,, as contribuições para a venda de grande parte da população escrava para os cafezais do Sul; o número de escravos diminuiu e a quantidade de trabalhadores livres aumentou

na Paraíba.

Como podemos observar, os diversos ciclos econômicos paraibanos na 2ª metade do século XIX - enfrentaram adversidades de ordem externa e interna; como retração de mercado, falta de capitais, de infraestrutura e condições climáticas desfavoráveis.

Até a abolição da escravidão em 1888, há a participação da mão-de-obra escrava nos diferentes tipos de economia, na Paraíba.

Entre os fatores que contribuíram para o declínio da escravidão na Paraíba, destacaram-se a proibição do tráfico internacional (1850) e o escoamento de escravos para a lavoura cafeeira do centro-sul. A supressão do comércio de escravos africanos foi o primeiro grande passo para a decadência da escravidão brasileira, uma vez que interceptou a grande fonte de abastecimento da mão-de-obra cativa.

Todavia, o cerceamento do comércio negreiro coincidiu com a fase de expansão da lavoura cafeeira. Muitos senhores de escravos endividados e atraídos pelo elevado valor do escravo na zona cafeeira venderam-se aos mercados sulinos. Começou então o grande fluxo migratório de escravos do Nordeste, inclusive da Paraíba, para o Centro-Sul do país. As epidemias, as manumissões e as pressões criadas pelo movimento abolicionista também contribuíram para a redução da população cativa. Mas a eliminação total da instituição servil resultou das pressões criadas pelo movimento abolicionista, cujas primeiras manifestações ocorreram no interior paraibano (1860) e depois na Capital.

Este texto é uma adaptação da seguinte bibliografia.

JUSTINO, Maria das Graças - O Declínio da Escravidão na Paraíba in - Produção de textos de História da Paraíba. Recursos Didáticos no Ensino da História no 2º Grau. Coord. e Org. Profa. Eronides Câmara Donato - UEPB - Campina Grande - 1993.

A N E X O V

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS, ADEMAR VELOSO DA
SILVEIRA

Grau: 1º

Série: 5ª

Turma: E

Aluno(a): _____

Exercício

VAMOS DAR UMA DE REPÓRTER?

PODE SER ASSIM:

Um colega de classe vai ser um bandeirante que caça índio e o leva para a escravidão; Outro colega vai ser um Bandeirante catando ouro, Outro vai ser um índio aprisionado.

- Que perguntas você faria para cada um deles?

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS, ADEMAR VELOSO DA
SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA

ESTAGIÁRIA: EDVANE DE ARAÚJO SILVA

DATA: 21/10/96 - Série: 5ª - Grau: 1 - Turma: E

Exercício de Aprendizagem

1º) Cite algumas mudanças que foram importantes na época da descoberta do ouro no Brasil.

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS, ADEMAR VELOSO DA
SILVEIRA

CAMPINA GRANDE, ____ / ____ / ____

ESTAGIÁRIA: Edvane de Araújo Silva

Grau: 1º - Série: 5ª - Turma: E

Aluno(a): _____

Exercício

Faça uma pequena redação sobre o que entenderam das rebeliões nativistas,,
escolhidas pelo grupo em sala de aula.

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOS DA SILVEIRA
CAMPINA GRANDE ____ / ____ / ____

ESTAGIÁRIA: EDVANE DE ARAÚJO SILVA

ALUNO(A): _____

SÉRIE: 1º TURMA: A TURNO: NOITE

Exercício

- 1) Analisando o texto (costumes da sociedade paraibana) você acha que presenciemos mudanças substanciais em nossa sociedade(paraibana)?

- 2) Você acha que a sociedade patriarcal vigora nos dias atuais? justifique.

- 3) Com base no texto, escolha um aspecto que você achou interessante e teça comentários sobre o mesmo

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA
SILVEIRA

CAMPINA GRANDE ____ / ____ / ____

ESTAGIÁRIA: EDVANE DE ARAÚJO SILVA

ALUNO(a) _____

SÉRIE: ____ TURMA: ____ TURNO: _____

Exercício em Grupo

Faça uma redação sobre que fatores contribuíram para o declínio do trabalho escravo na economia colonial paraibana.

A N E X O VI

Escola de 1ª e 2ª Grados - Classe de Colégio de Silveira

Disciplina: História

Profª Amália

Estagiário Edvane

5ª série - turma B dia 21 / 10 / 96

EXERCÍCIO

VAMOS DAR UMA DE REPÓRTER?

PODE SER ASSIM:

Um colega de classe vai ser um bandeirante que caça índio e o leva para a escravidão; Outro colega vai ser um bandeirante catando ouro; Outro vai ser um índio aproveitado.

—QUE ALGUMAS VOÇÊ FAZIA EM CADA UM DELES?

Por que vocês não caçam índios?

Nós estamos procurando índios, para nós opulcionarmos e vendermos para fazendas e sucos.

Vocês não tem culpa?

Nós não temos culpa porque não temos direito de matar.

Por que estão catando ouro?

Porque com o ouro, nós podemos fazer sucos e opulcionar mais índios.

FIM!

Costo

Escola de 1ª e 2ª Graus - Rua: Volante da Silveira

Disciplina: Antônia

Profª Amalia

Estagiário(a) Edson

5ª serie - turma (1E) dia 24 / 10 / 1996.

EXERCÍCIO

VAZOS COM UMA DE CADA COIÇA?

COIÇA DE CADA VASO:

Um colono de classe vai ser um bandeirante que caça índio e o leva para a escravidão; Outro colono vai ser um bandeirante catando ouro, Outro vai ser um índio escravidão.

- QUE PERGUNTAS VOCÊ FARIA PARA CADA UM DELES?

bandeirante / você leva índios para ser escravos?

Resposta: Sim, eu levo eles para servir o agente como escravos para eles trabalharem muito por isso não tem feito nada.

~~bandeirante~~ / ~~quanto~~ Para que você caça o ouro?

Resposta: Nós caçamos o ouro para vendermos no comércio e ganharmos dinheiro.

índio escravidão / Porque ele trabalha?

Resposta: Porque ele querem que eu trabalhe o meu escravidão.

Escola de 1ª e 2ª Graus do Colégio Veloso da Silveira

Disciplina: História

Profª Amália

Estagiário Esdras

5ª série - turma F dia 21 / 10 / 96.

Aluna:

EXERCÍCIO

VAMOS DAR UMA DEBATE?

PODE SER ASSIM:

Um colega de classe vai ser um bandeirante que caça índio e o leva para a escravidão; Outro colega vai ser um bandeirante catando ouro, Outro vai ser um índio apocri-
nulo.

-QUE PERGUNTAS VOCÊ FARIA PARA CADA UM DELES?

bandeirante que caça índio.
que que vocês fazem
com os índios? talvez
pantufas e outros de
nós. trabalhavam de
andando que caça ouro
quando vocês encontraram
um ouro que vocês
faziam? Nós vendíamos
um preço muito
e era muito dinheiro.

Índio você sabia muito.
ma escravidão? sim eles
trabalham muito muito
nós.

Escola de 1ª a 2ª Graus nome: Colégio Dr. Silveira

Disciplina: Historia

Profª Amália

Estagiário Edelberto

5ª serie - turma C dia 21 / 10 / 96.

EXERCÍCIO

VAZOU UMA BOLA DE CARAMELA?

PODE SER ASSIM:

Um colega de classe vai ser um bandeirante que caça índio e o leva para a escravidão; Outro colega vai ser um Bandeirante catando ouro, Outro vai ser um índio aprisionado.

-QUE PERGUNTAS VOCÊ FAZIA PARA CADA UM DELES?

a) Bandeirante que caça índios?
Faz tempo que você caça índios?

Sim! faz um bom tempo.

b. Bandeirante que caça ouro?
Faz tempo que você caça ouro?

Não! não faz muito tempo, pelo q que você
ser ainda seu muito novo.

c. Índio procurando Bandeirante? Bandeirante procurando índio
você se sente seguro ~~por~~ sendo procurado por um
bandeirante?

Não! não me sinto seguro pois qualquer

1010

ESCOLA ESTADUAL DE 1º e 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

Estagiaria: *Edvane*

Profª Orientadora: Eronides C. Donato

Série: 5ª Grau: 1º Turma "D"

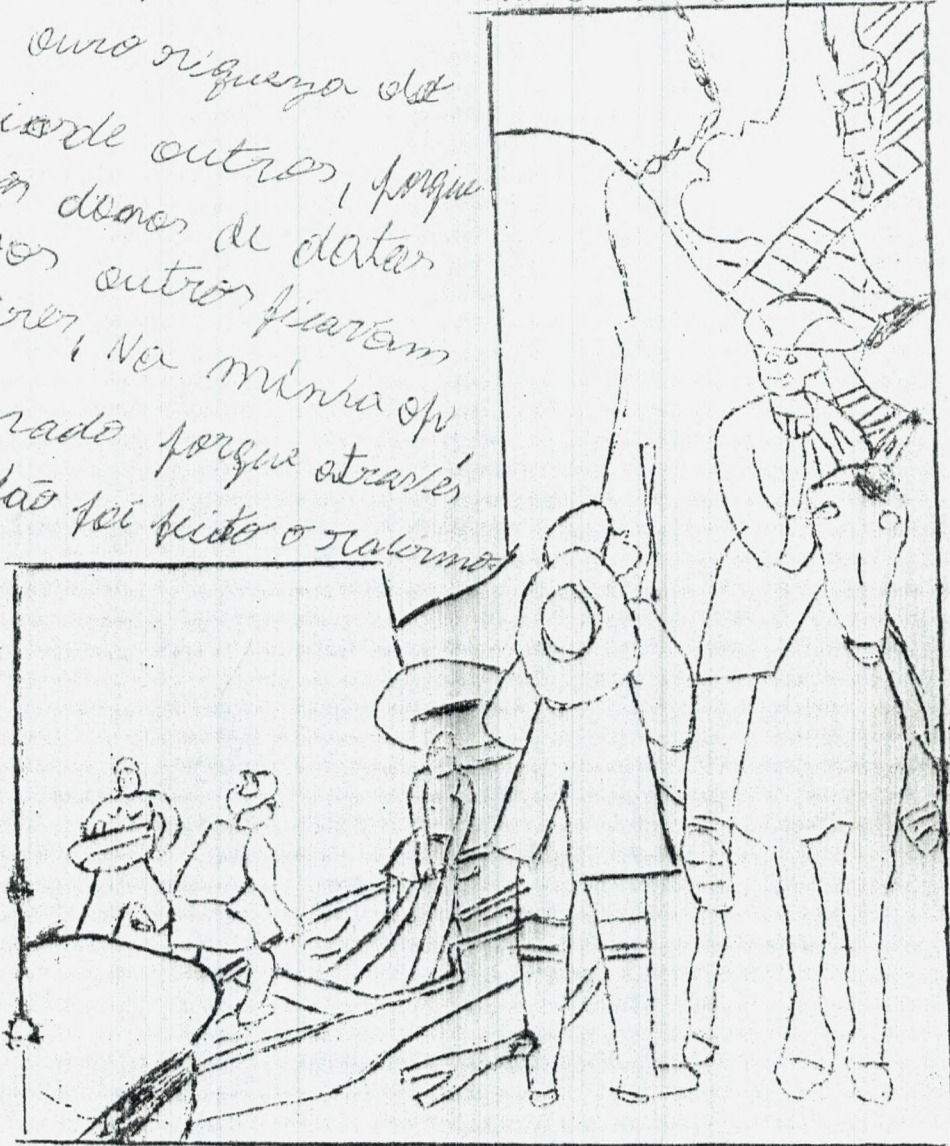
Aluno(a)

- Exercício de Aprendizagem -

1º) Cite algumas mudanças que foram importantes na época da descoberta do ouro no Brasil.

Na época do descobrimento do ouro no Brasil, as pessoas das cidades vizinhas, a cidade de do ouro hoje chamada Minas Gerais, chegaram gentes de todo tipo: brancos, pretos, índios, portugueses, franceses que tinham perdido sua riqueza e que tinham vindo recuperar através do ouro encontrado em Minas.

O ouro riqueza de muito mais de outros, porque enquanto os demais de detar em riquezas outros ficaram mais pobres. Na minha época não valeu nada porque através a prova vida foi feita o sistema



Estagiaria: *Edvane*

Profª Orientadora: Eronides C. Donato

Série: 5ª Grau: 1º Turma "E"

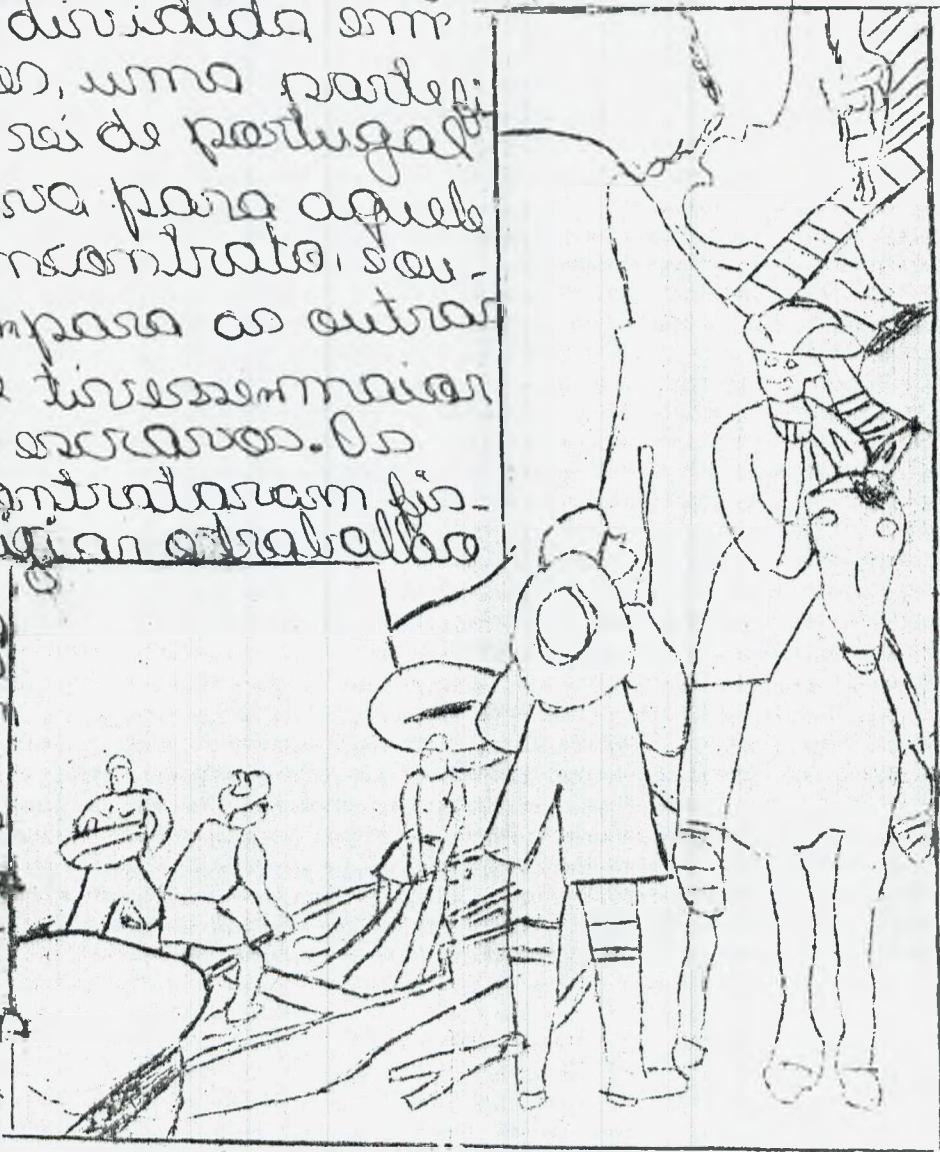
Aluno(a):

- Exercício de Aprendizagem -

1º) Cite algumas mudanças que foram importantes na época da descoberta do ouro no Brasil. *Eu entendi que quando alguém encontrava uma mina, ele tinha que comunicar com o governo. A mina era de todos, mas quando descoberta, vieram gente de vários lugares.*

...mina era dividida em duas partes, uma parte ia para o rei de Portugal e outra ficava para aquele que tinha encontrado, seu filho ficava para os outros e os que tinham mais dinheiro de escravos. Os senhores contrataram filhos para vigiar o trabalho.

...os escravos tinham que trabalhar de manhã até tarde e depois disso...



...alham com sem parar no sol quente, apertavam, enquanto, os senhores ficavam de sem senta, só de fora vendo.

95

ESCOLA ESTADUAL DE 1º e 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

Estagiaria: Edvane

Profª Orientadora: Eronides C. Donato

Série: 5ª Grau: 1º Turma "E" 0

Aluno(a):

- Exercício de Aprendizagem -

1º) Cite algumas mudanças que foram importantes na época da descoberta do ouro no Brasil.

A Mineração

Bem a riqueza da terra era muito grande, e antes do descobrimento do Ouro, Minas Gerais não eram habitadas. Era terra de fundação, eram os filhos dos barões de Ouro. Tinham os mineiros que eram seus possesores que andavam

vestidos de ouro, diamantes. As roupas eram feitas e bordadas com fios de ouro. Eles tinham o hábito de festas. Tinham também os mantos de ouro, que os guardavam a

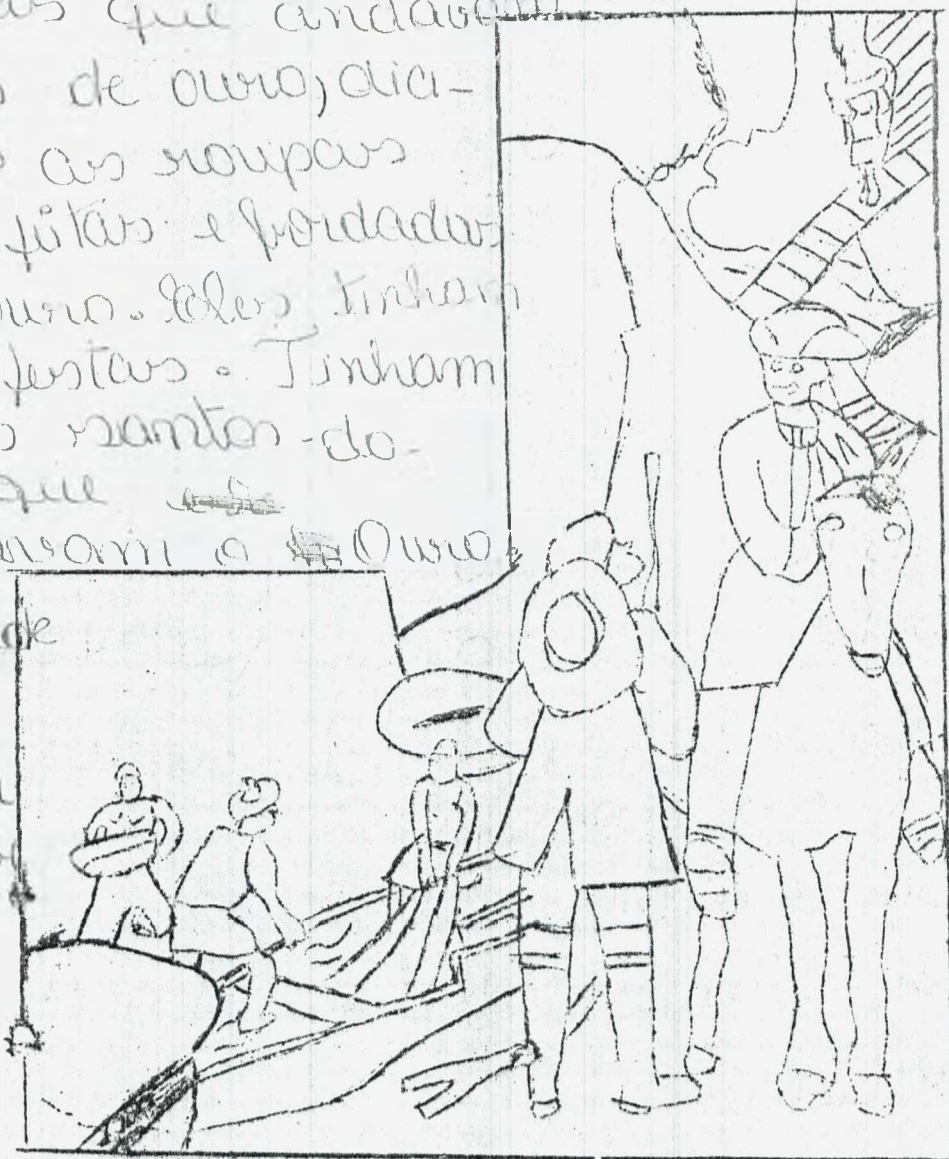
na cidade

na era habitada por pessoas livres

em dia

de a

daque



enchida de pessoas. Essas pessoas tinham de mular, cavalos, burros, para lutar ou entar, fari lá mesmo.

Essas pessoas tinham por direito adquirir muitos bens.

Onouros que eram ~~que eram~~ fabricados em barbas, eles quando terminavam de fazer fabricados eles eram bem festejados pelos feais.

Tinha os escravos que se vestiam com roupas rasgadas. E tinha os drageões que eram guardados do rei. Por que o

rei tinha ouro e diamantes. E tinham também os príncipes impostos do rei (que as mucas eram separadas em Datus. E

os escravos ~~no~~ trabalhavam com correntes com os pés no chão com as mãos enforcadas e os membros que às vezes passavam fome por causa do rei. E o rei que chamam os feais para ~~realizar~~ o reino por que

o principal medida foi a cobrança dos impostos que o rei tirava.

Os escravos viviam sofrendo com a fome e as doenças.

Como febre e outras doenças.

Portugal sempre foi ou guerra sem controle.

810

ESCOLA ESTADUAL DE 1º e 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

Estagiaria: Edvane

Profª Orientadora: Eronides C. Donato

Série: 5ª Grau: 1º Turma "D"

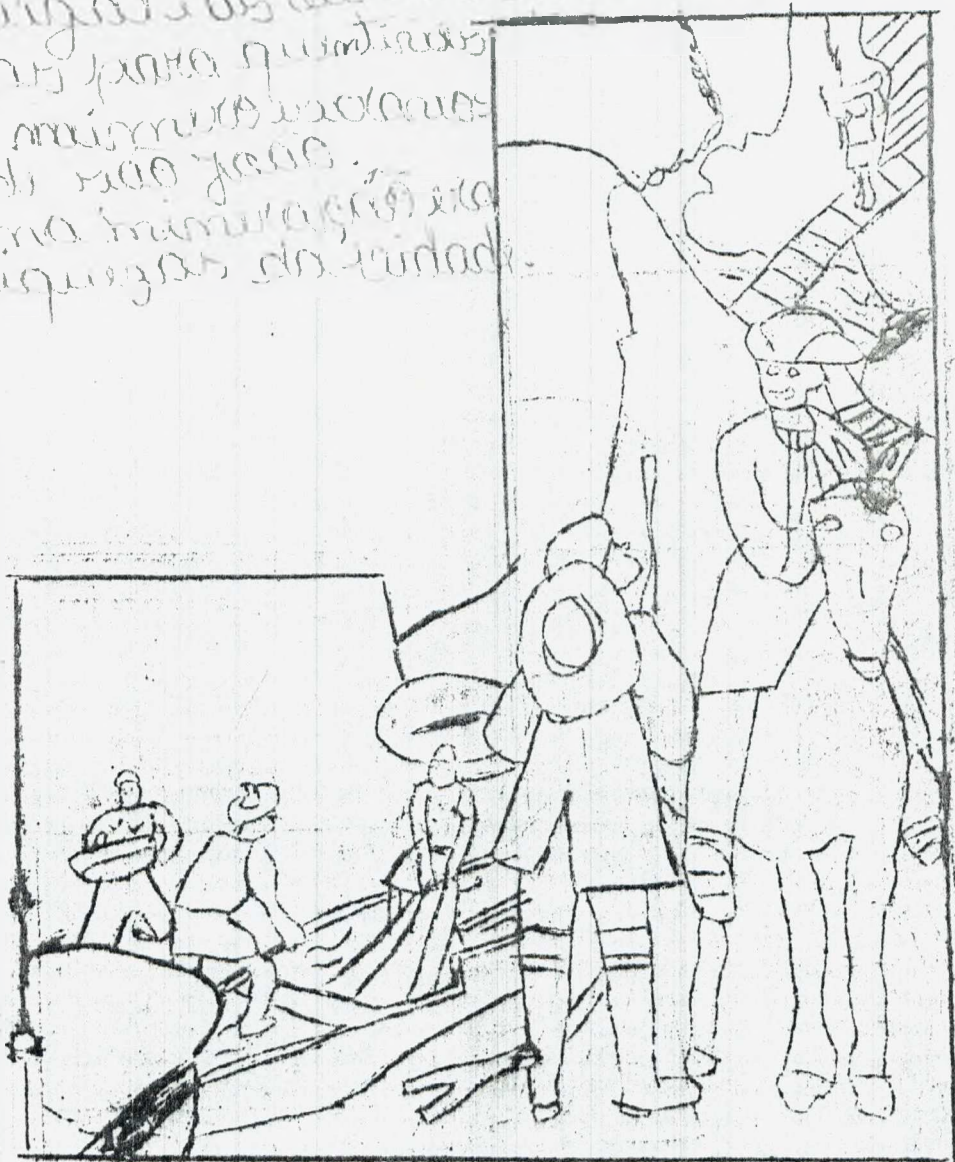
Aluno(a):

- Exercício de Aprendizagem -

1º) Cite algumas mudanças que foram importantes na época da descoberta do ouro no Brasil.

A mineração

Eu entendi que quando os homens acharam
minas de ouro, os homens deram a eles
superintendente e superintendente de
uma data, eles tinham direitos de trabalhar
metade que de ouro, e uma metade via
para Portugal e as outras metades iriam para
os outros das partes quantas
e outras minas de ouro
e outras de ouro.
Os outros na mineração
maior riqueza da cidade.



85

ESCOLA ESTADUAL DE 1º e 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

Estagiaria: Edvane

Profª Orientadora: Eronides C. Donato

Série: 5ª Grau: 1º Turma: "E"

Aluno(a): _____

- Exercício de Aprendizagem -

1º) Cite algumas mudanças que foram importantes na época da descoberta do ouro no Brasil.

Resumo Sobre alguns fatos.

Antes do descobrimento do ouro as minas Gerais não eram habitada, depois do descobrimento as Minas Gerais ficou cheia de pessoas a procura de ouro.

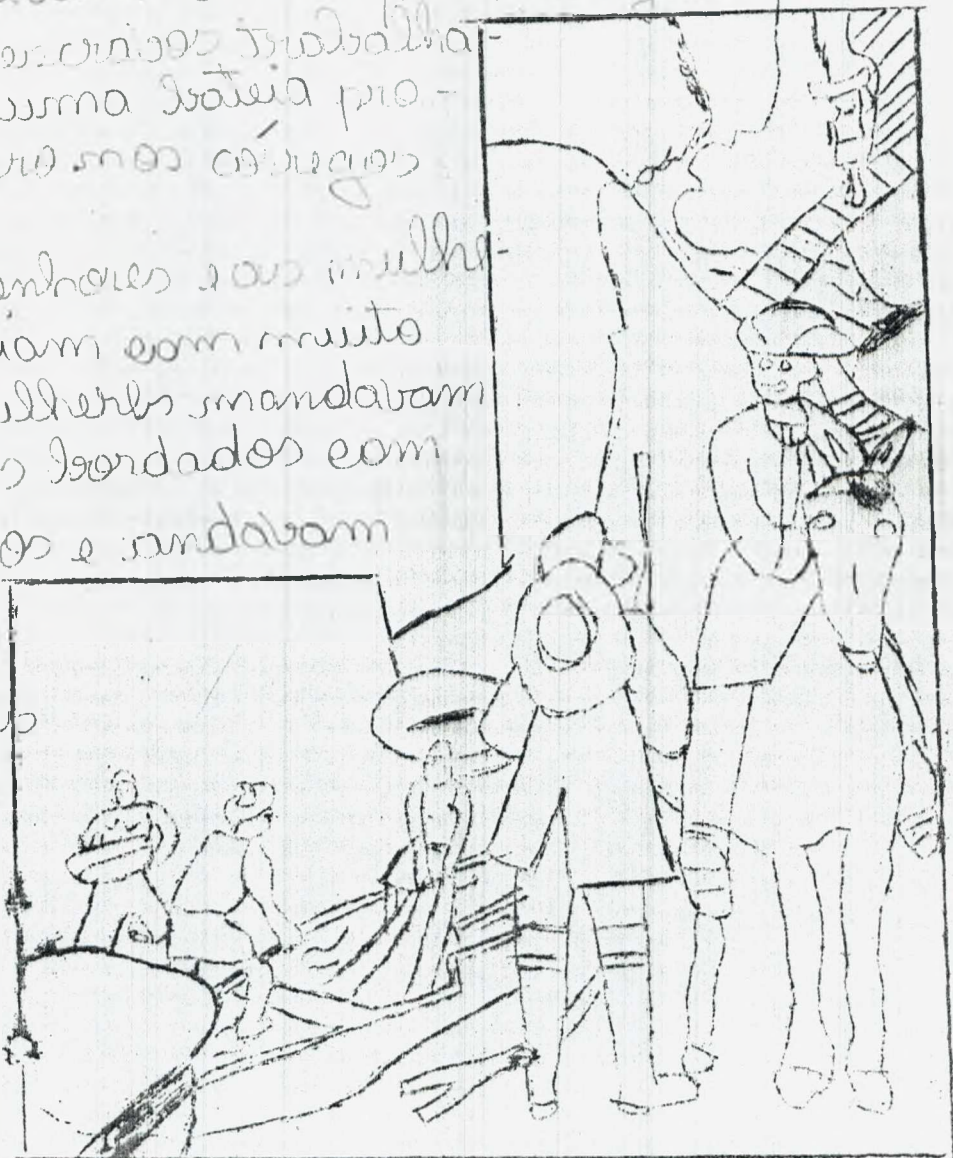
O rei ordenou que quem achasse uma mina ou uma mina tinha que comunicar ao rei.

Os escravos eram muito mal tratados pois trabalhavam com as pés na água.

Os escravos trabalhavam com uma bateia procurando ouro nos córregos dos rios.

Os senhores e as mulheres se vestiam com muito luxo, as mulheres mandavam fazer vestidos bordados com fios de ouro e sandalavam

com muitas sias valiosas e trabalhavam muito.



este
80

ESCOLA ESTADUAL DE 1º e 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

Estagiaria: *Edvane*

Profª Orientadora: Eronides C. Donato

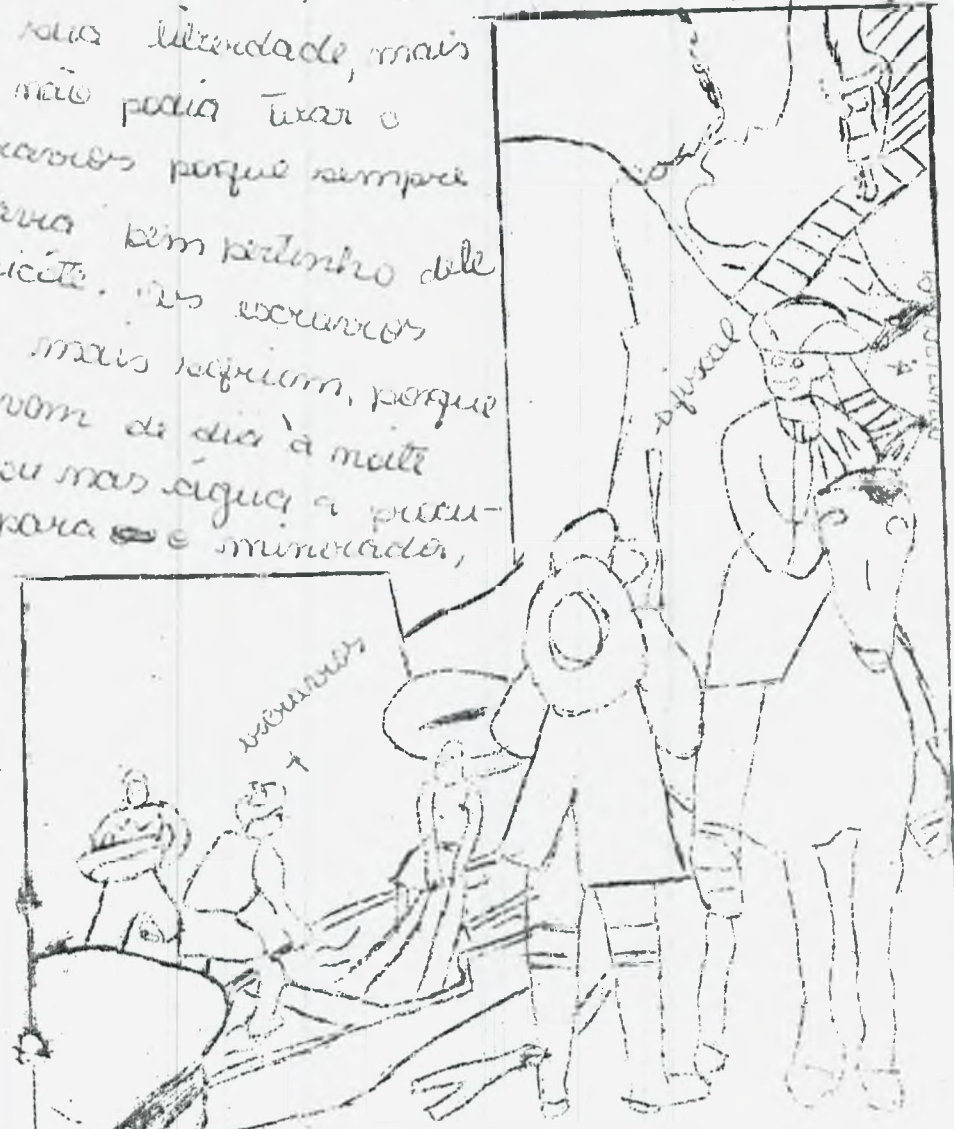
Série: 5ª Grau: 1º Turma: "A"

Aluno(a):

- Exercício de Aprendizagem -

1º) Cite algumas mudanças que foram importantes na época da descoberta do ouro no Brasil.

A descoberta, foi muito importante para os donos dos escravos a colonização de algumas cidades. Os escravos sofriam com a descoberta, com a descoberta do ouro. Foram também descobertas novas cidades e muitas minas de ouro, mais o fiscal ficava sempre de olho quando os escravos ficavam sempre ali lutando para que um dia tivessem sua liberdade, mais o mineiro não podia tirar o olho dos escravos porque sempre o fiscal estava bem pertinho dele com um chicote. Os escravos eram os que mais sofriam, porque eles trabalhavam de dia à noite nas minas e nas águas a procura de ouro para os mineiros, que eram os donos das minas e para a coroa de Portugal.



11
11
50

11
11
50
11
11
50

20

ESCOLA ESTADUAL DE 1º e 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

Estagiaria: Edvane

Profª Orientadora: Eronides C. Donato

Série: 5ª Grau: 1º Turma "E"

Aluno(a):

- Exercício de Aprendizagem -

1º) Cite algumas mudanças que foram importantes na época da descoberta do ouro no Brasil.

Os escravos trabalhavam muito. Os mineros
eram divididos em vários pedaços (latas)
Depois do ouro foram construídas
várias cidades novas.

Os escravos eles
trabalhavam muito, tra-
balhavam diariamente
a procura das
minas. Quando en-
contravam minas
eram divididas
para eles. Os mineros

eram trans-
portados
para
as
minas
para
trabalhar.



como
cavalos,
bostas
carruagem
homens.
Eles não
trabalhavam
muito
suaves,
por isso
que eles
podiam
trabalhar
aqui
nas
minas.

9

ESCOLA ESTADUAL DE 1º e 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

Estagiária: *Elvira*

Profª Orientadora: Eronides C. Donato

Série: 5ª Grau: 1ª Turma *5*

Aluno(a):

- Exercício de Aprendizagem -

1º) Cite algumas mudanças que foram importantes na época da descoberta do ouro no Brasil.

A mineração

mineração foi uma coisa muito importante para nós, mineiros eram divididos em doadores.

doadores eram distribuídos em pequenos pedacinhos.

o pode ver no figura ~~de~~ abaixo o segurança.

vigiando o trabalho dos lavadores, além o homem no lado quem ele é?

é outro vigia (minerador)?

ou vejam a diferença entre

lavador e o vigia.

veja a diferença porque?

que o vigia está vestindo a

roupa não

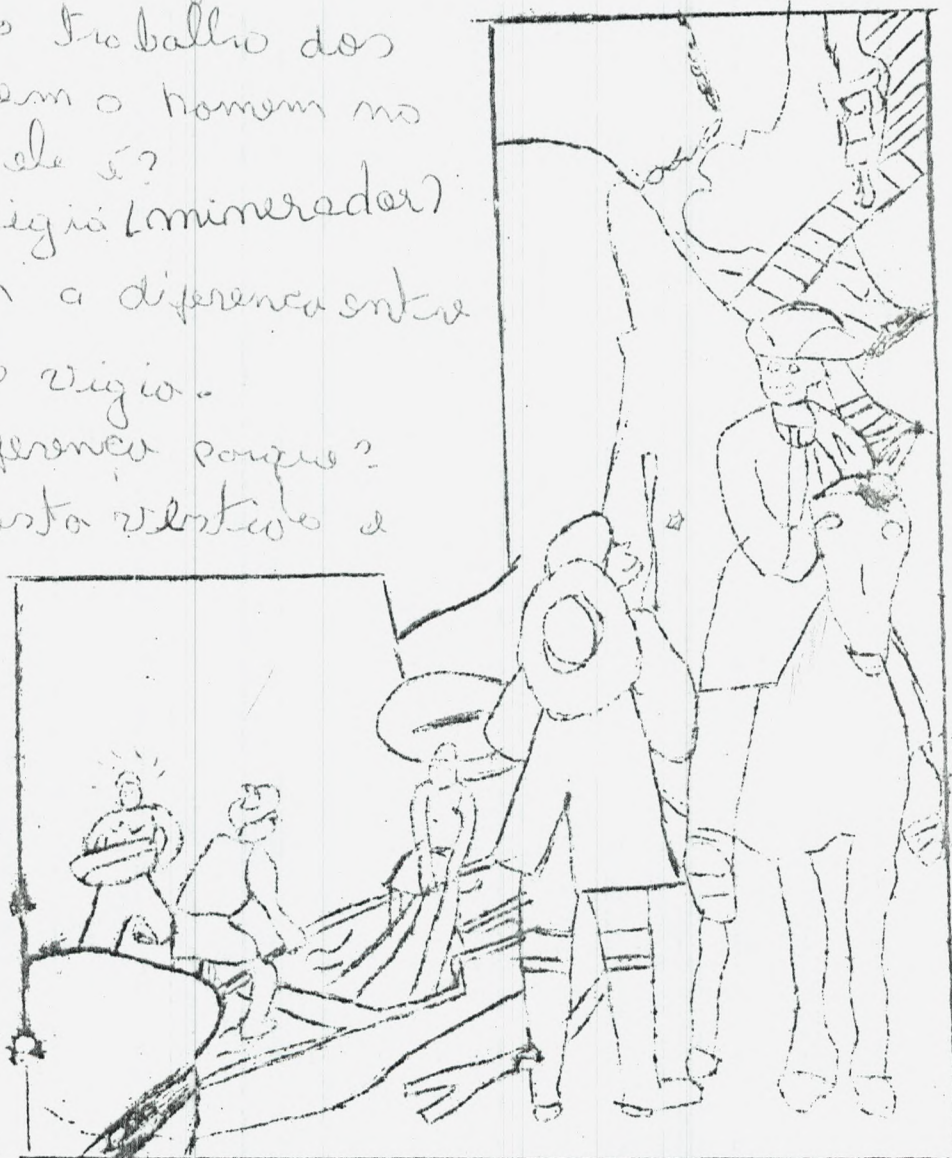


foto
101

ESCOLA ESTADUAL DE 1º e 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

Estagiária: *Edvane*

Profª Orientadora: Eronides C. Donato

Série: 5ª Grau: 1ª Turma: *E*

Aluno(a): *X*

X

- Exercício de Aprendizagem -

1º) Cite algumas mudanças que foram importantes na época da descoberta do ouro no Brasil.

As minas foram divididas em muitos
daços. Os escravos trabalhavam muito
reus, mandaram os guarda vigiar os
escravos para não serem roubados.

Os escravos sofriam mu
trabalhava dia e noite
nas das minas. Os mi
radores eram muitos
das minas eram
sadas para casa de fun
ção para

em trans
tado para
nas casas.
guardas
eram com
este para
r quem tra
lhava quem
o trabalhava



asinham
mulheres
homens
de todas
as idade
trabalhar
Os minei
doras se
stiam mu
to bem de
roupas
lucrosas
que os escr
os não
pode usar

FIM.

8,5

ESCOLA ESTADUAL DE 1º e 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

Estagiaria: Edvane

Profª Orientadora: Eronides C. Donato

Série: 5ª Grau: 1º Turma "D"

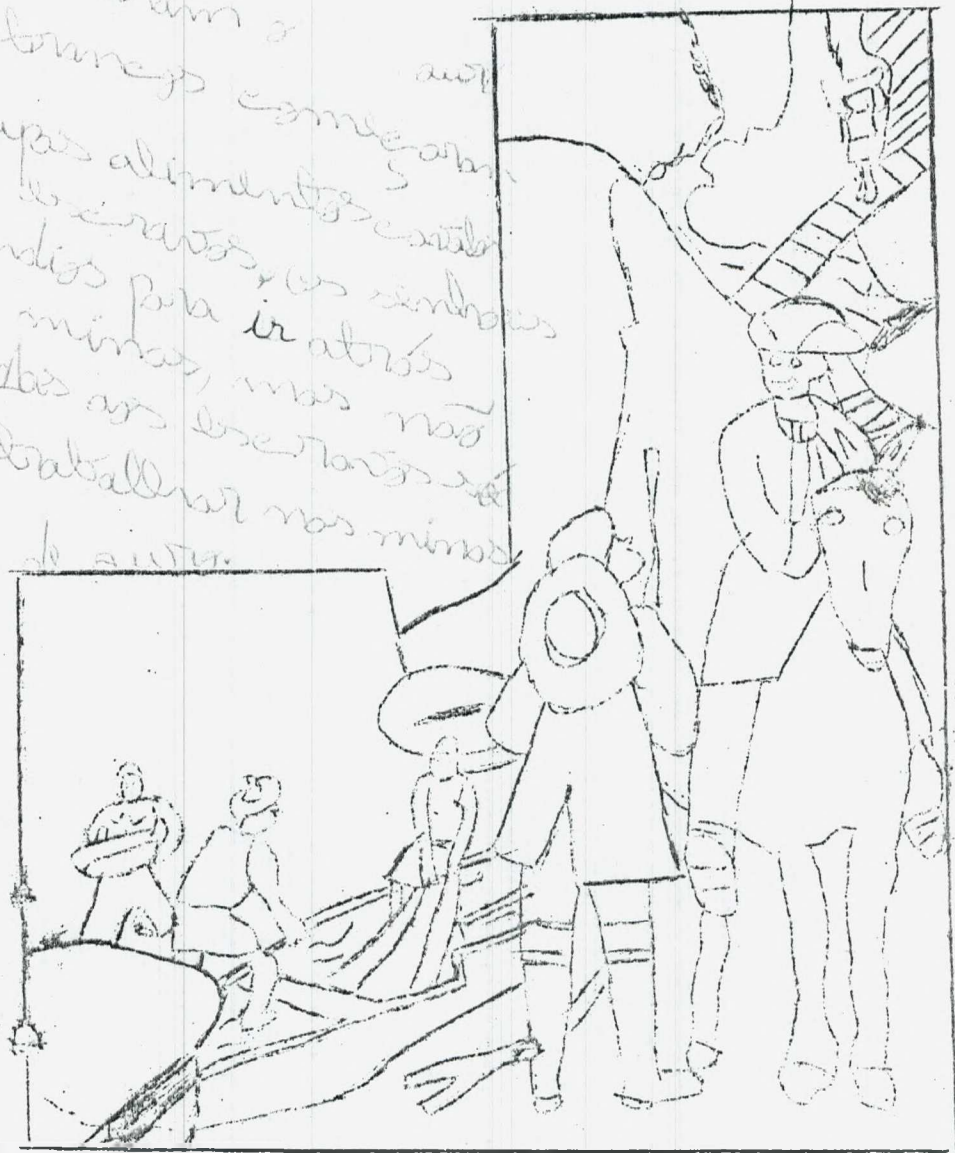
Aluno(a):

- Exercício de Aprendizagem -

1º) Cite algumas mudanças que foram importantes na época da descoberta do ouro no Brasil.

A Mineração

entendi que quando descobriam o ouro os senhores de
 fechos foram logo para os minas a fim de cada um ficar
 em uma parte, mas alguns ficaram com partes maiores
 que tinham mais escravos.
 os que descobriam o
 senhores começaram
 comprar roupas e alimentos e
 ainda mais escravos e
 levaram os índios para ir atrás
 nos minas, mas não
 davam nada aos escravos
 e iam eles trabalhar nos minas



Escola Estadual de 1º e 2º Graus Ademar Valoso da Silveira

Turno: Tarde

Gráu: 1º

Série: 5ª

Turma: E

Aluno _____

EXERCÍCIO

FAÇA UMA PEQUENA REDAÇÃO SOBRE O QUE ENTENDERAM DAS REBELIÕES NATIVISTAS, ESCOLHIDAS PELO GRUPO EM SALA DE AULA.

A guerra dos Mascates

Terminada a Revolta no Maranhão, em 1709 ocorreu a guerra dos Mascates, em Pernambuco.

— Os motivos da guerra dos Mascates foram os seguintes:

Os senhores de engenho de Olinda sempre negociaram - diretamente com a coroa, sem intermédio dos comerciantes; Recife se tornou vila em 1709, ficando independente de Olinda. No ano de 1810 houve tentativa de assassinar o governador, que fugiu para a Bahia.

Os chefes do movimento de Olinda foram presos e enviados para Lisboa e seus bens confiscados.

Kim

10/15

Exercício

1) Analisando o texto você acha que atualmente presenciemos mudanças substanciais na nossa sociedade (parabiana)?

Sim. (O que mudou?)

2) Você acha que a sociedade patriarcal vigora nos dias atuais? Justifique.

Sim, apesar de não poder mais ser tão rígido e absoluto como antes, pois hoje em dia existe mais diálogo e todos trabalham iguais e filhotes, mas, mesmo assim a sociedade continua sendo patriarcal.

3) Com base no texto, escolha um aspecto que você achou interessante e faça comentários sobre o mesmo.

Um aspecto interessante era a vida das mulheres dessa época que eram praticamente iguais como os negros da época. Se evitava a sexualidade do negro, evitava a sexualidade da mulher.

A mulher dessa época desde cedo era treinada a cuidar de uma casa e cuidar sempre submissa do seu marido, ela não tinha o direito de estudar, pois o seu único destino só podia ser cuidar de sua casa e de seus filhos.

Hoje em dia não, as mulheres estudam, trabalham e vivem do mesmo modo que os homens, e, tanto os homens como as mulheres trabalham para de casa e cuidam de seus filhos ao mesmo tempo.

Helena

7/11

Visto 710

Aluno:

Série = 1º Científico

nº = 12

Turma = A

Trabalho de História

1.) Você acha que atualmente presenciemos mudanças substanciais na nossa sociedade (Paraibana)?

R = Eu acho que sim porque a situação não é mais diferente do restante do Brasil. Por que a terra Paraibana vai sendo ocupada pelas famílias que vão se formando com a falta de terras.

2.) Você acha que a sociedade patriarcal vigora nos dias atuais? e justifique.

R = Sim. Porque no século passado as coisas eram muito diferente, os donos de terras (coronéis) era quem mandava e desmandava e enfim eles faziam suas próprias leis, mas hoje tudo mudou e já temos leis que decidem que é certo e errado e tudo é corrigido.

3.) Com base no texto, escolha um aspecto que você acha interessante e faça comentários sobre o mesmo.

R = Os casamentos vão se formando Paraibanos.

O casamento não deveria ser tratado através dos pais e sim pelas pessoas que vão se casar e construir família; isso é o que deveria ser feito

Atividade 210

6

Exercício - 22.10.96.

1 - Você acha que a sociedade praticar a rigidez nos dias atuais? Justifique.

R - Não hoje as pessoas se evoluíram e a sociedade é mais aberta.

2 - Com base no texto, escolha um aspecto que você achou interessante e faça comentários sobre o mesmo.

Os casamentos paribanos: Era uma coisa ridícula porque os sentimentos dos outros não eram respeitados, era comandado pelos pais, sem os mesmos se interessarem pelas que os filhos pensavam e queriam.

3 - Você acha que a sociedade paribana atualmente precisa de mudanças?

R - Não ela só está precisando de uma ajustada, porque ela é muito desigual em matéria de justiça e divisão de riquezas.

2 A. Noite

~~atoto~~

Escola de 1ª e 2ª Anos
Turma:
S: A Noite

Historia

8) Você acha que a sociedade patriarcal vigora nos dias atuais justifique.

Não, porque houve uma grande mudança de costumes, fatos pensam, e a gente tem o bem entendem.

2º) Com base no texto, escreva um aspecto que você acha interessante e faça comentários sobre o mesmo.

Os casamentos não deveriam ser tratado através dos pais e irmãos: pelas mães o que deveriam fazer para ser felizes.

3º) Você acha que atualmente apresentamos mudanças substanciais na nossa sociedade. (Parabéns) ?

Sim acho que a educação poderia ajudar na mudança da sociedade a

das finanças.

03) Com base no texto, escolha um aspecto que você achou interessante e comente sobre ele!

O casamento acertado e arranjado era uma ignorância, como podemos notar e comover anos e anos com uma pessoa que nunca se viu, acho que aqueles pais tinham os filhos como cobaias. Eles os criavam, alimentavam e depois os dava (casavam como canário)

Como hoje isso tudo mudou, os pais e que são os últimos a saberem dos romances e atos que os filhos praticam, deve ser por isso que hoje existem casamentos que duram até a lua de mel, mulheres matando maridos, namoros que duram anos, violência sexual etc...

Escola Estadual de 1.º e 2.º

Grav. Ademas Veloso da Silveira

Aluno:

Exercício de História

01) Analisando o exposto você acha que atualmente presenciemos mudanças na Sociedade Paribambano?

* A superpopulação, a tecnologia e o êxodo rural fez muitos homens deixarem a P.B em busca de trabalho nas grandes capitais.

As mulheres são mais liberais, não mais recebem ordens nem mesmo do pai. Eles agora são a igualdade. mamoras.

A implantação de algumas grandes empresas na P.B talvez mude esse quadro de desemprego e fome.

Estamos livres da sociedade patriarcal.

02) Você acha que a sociedade patriarcal existe nos dias atuais?

* Não, vivemos num país livre

* temos direitos iguais. hoje os filhos e quem dominam.

* numa casa é o pai no banco e a conta ou seja ele é o ministro

Professora: S. Nome

Exercício: 12/31/96

1. Analisando o aspecto você acha atualmente precisamos mudanças substanciais na nossa sociedade para cima??

Em parte houve mudança, ou seja, em alguns aspectos. Porque para que haja realmente mudança é necessário e bem além investir em algo que vise a melhoria da sociedade em geral, como por exemplo investir na educação que é prioridade de todos.
(o que mudou?)

2: você acha que a sociedade patriarcal vigora nos dias atuais o justifique:

Não necessariamente, já podemos comprovar isso. As pessoas já não são mais obrigadas a fazer algo por imposição, podem se fazer por si mesmas, principalmente no que se diz respeito ao casamento. A mulher passou a ser mais importante.

3: com base no texto escolha um aspecto que você acha interessante e faça comentários sobre o mesmo.
casamento.

hoje as mulheres são mais livres, e muito importantes se casam com quem querem, maioria não tem mais domínio paterno. Hoje hoje na nossa sociedade já existe, mulheres, prefeitas, juízas, policiais etc. é com isto que a nossa grande maioria se valoriza

A N E X O V I I

Escola de 1º e 2º Graus Ademar Veloso da Silveira

Disciplina: História do Brasil

Profª. Estagiária : _____

Serie _____ Turma _____ Turno _____ DATA ____/____/1996

LISTA DE PRESENCIA

- 01: Adenilson BOMAS do Nascimento.
- 02 Adilson Souza Barbosa
- 03 Silton jomes
- 04 _____
- 05 Ana Carla dos Santos Lima.
- 06 Angela Maria dos Santos
- 07 Sulmária Xuxa de Souza Lima
- 08 _____
- 09 Damuzo Nogueira de Lima
- 10 _____
- 11 Edineia Fernandes de Silva nº 11
- 12 Editea Santos Costa nº 12
- 13 Elvânia Gonçalves dos Santos nº 13
- 14 Elizângela Pato dos Santos
- 15 Fabiano Edinaldo Amorim de Oliveira nº 15
- 16 _____
- 17 Anne Lucilene Oliveira Duarte
- 18 Domício N. de Souza
- 19 Thelma de Souza
- 20 Yara Wanderson Costa da Silva
- 21 Luciana Maria da Silva
- 22 _____
- 23 _____
- 24 Maria Luiza da Silva
- 25 Rosilda Honório
- 26 Suelton jomes jomes
- 27 Monalisa Cabral de Oliveira
- 28 _____
- 29 _____
- 30 Pericleide dos Santos Paulina
- 31 _____
- 32 Vanderliu Martins de Almeida nº 20
- 33 Silvânia Maciel da Nascimento
- 34 Yeremias Moura dos Santos
- 35 Simone Dias

Escola de 1º e 2º Graus Ademar Veloso da Silveira

Disciplina: História do Brasil

Profª. Estagiária : _____

Serie _____ Turma _____ Turno _____ DATA ____/____/1996

LISTA DE PRESENCIA

01. Romildo Delino Barbosa nº 35 1º ANO (A)
02. Karla Patrícia Ferreira Martins N: 43
03. Selma Márcio dos Santos N: 37
04. Thais Vanis dos Santos Cardoso. nº 21
05. José Sidiô Santos
06. Edson dos Santos
07. Júlio de Souza Cardoso nº 14.
08. Antônio de Sousa Costa nº 03
09. Rosineide Santos de Alibio nº 26
10. Antônia Martins de Araújo nº 02
11. Jeronima de Albuquerque Ribeiro - 11
12. Civanildo Márcio da Silva
13. Fúrcide Taveres da Silva N: 39
14. Elza Maria de Oliveira 09
15. João Carlos dos Santos
16. Ma do Socorro Basílio nº 27.
17. Marta de Silva Cruz nº 29.
18. Hulka de Melo nº 13
19. Domínio Jaluano nº 07
20. _____
21. _____
22. Leandriene Maria S. dos Santos (22)
23. _____
24. _____
25. Mª das Vitórias O. da Silva - 25
26. _____
27. _____
28. _____
29. _____
30. _____
31. _____
32. João dos Santos nº 06
33. _____
34. Ricardo Santana das Santos. N: 34